

2º CICLO DE ESTUDOS

A interação entre palavra fonológica e palavra morfológica

LIU XUANHE

2023



LIU XUANHE

A interação entre palavra fonológica e palavra morfológica

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em linguística, orientada pelo
Prof. Dr. João Manuel Pires da Silva e Almeida Veloso

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2023

À memória da minha avó.

Sumário

Índice

Declaração de honra.....	5
Agradecimentos	6
Resumo	7
Abstract:	8
Introdução:	9
Capítulo 1: Palavra e a sua dificuldade/impossibilidade de definição	10
Capítulo 2: Palavra fonológica	15
Capítulo 3: Palavra morfológica	22
3.1: Forma livre, forma presa e forma dependente	26
Capítulo 4: A coincidência entre palavra fonológica e palavra morfológica	30
Capítulo 5: A falta de coincidência entre palavra fonológica (PF), palavra morfológica (PM) e palavra morfossintática (PMS)	33
5.1 PF=PM≠PMS – Duas palavras morfológicas e fonológicas, mas uma palavra morfossintática: Palavras compostas	34
5.2 PF≠PM – Uma palavra morfológica, mas duas palavras fonológicas: Prefixos “livres”	36
5.3a PM≠PF – Uma “palavra fonológica”, mas duas palavras morfológicas: Os clíticos	41
5.3b Palavra fonológica ou grupo clítico?	46
5.3c Mesóclises e Grupo de palavra fonológica	48
Considerações finais	52
Referências bibliográficas.....	55

Declaração de honra

Declaro que o presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Univerddidade do Porto, Porto, Portugal 2023. 9.17

LIU XUANHE

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço ao Prof. Dr. João Manuel Pires da Silva e Almeida Veloso por ter aceitado ser meu orientador da minha dissertação de graduação e, também pela paciente orientação que me deu.

Agradeço aos meus pais pelos seus apoios.

Agradeço aos meus amigos por estarem ao meu lado nos momentos difíceis.

Agradeço a todos os professores da Universidade do Porto que me ensinaram.

Por fim, um agradecimento à cidade do Porto, onde passei os momentos mais inesquecíveis da minha vida.

Resumo

Esta tese tem como objetivo principal analisar a interação entre palavras fonológicas e palavras morfológicas em português europeu. Em primeiro lugar, começamos a nossa discussão sobre o conceito de palavra. Como a palavra não é uma unidade descritiva pertinente e as suas formas são diferentes em vários campos linguísticos, há uma falta de coincidência. Neste artigo usaremos como base principalmente a teoria de Câmara. Jr, primeiro explicaremos as definições de palavras fonológicas e palavras morfológicas e, em seguida, analisaremos a falta de coincidência entre palavras morfológicas e palavras fonológicas, classificando os casos de falta de coincidência. Por fim podemos concluir que no caso das palavras compostas existe uma falta de coincidência entre palavra morfológica / fonológica e palavra morfossintática. Nos casos de palavras com prefixos tónicos e combinações clíticas existe uma falta de coincidência entre palavra morfológica e palavra fonológica. Nos quais a forma mesoclítica tem um comportamento diferente do que as outras formas clíticas. Para as combinações clíticas de forma mesoclítica especial, Vigário e Nespor propuseram duas unidades fonológicas diferentes, grupo clítico e grupo de palavra fonológica. Ambos estão no mesmo nível fonológico, mas relativamente o segundo inclui mais formas especiais como as formas mesoclíticas. Concluímos que a falta de coincidência entre palavras morfológicas e palavras fonológicas é inevitável, o que é uma das razões pelas quais as palavras não podem ser usadas como unidades descritivas em linguística. O surgimento de novas unidades fonológicas pode melhorar ainda mais a interação entre morfologia e fonologia.

Palavras-chaves: palavra morfológica, palavra fonológica, falta de coincidência, Grupo clítico, Grupo de palavras fonológicas.

Abstract:

This thesis' main objective is to analyze the interaction between phonological words and morphological words in European Portuguese. Firstly, we begin our discussion on the concept of word. As the word is not a pertinent descriptive unit and its forms are different in various linguistic fields, there is a lack of coincidence. In this article we will mainly use Câmara's theory as a basis. Jr, we will first explain the definitions of phonological words and morphological words, and then we will analyze the lack of coincidence between morphological words and phonological words, classifying cases of lack of coincidence. Finally, we can conclude that in the case of compound words there is a lack of coincidence between the morphological/phonological word and the morphosyntactic word. In the case of words with tonic prefixes and clitic combinations there is a lack of coincidence between the morphological word and the phonological word. In which the mesoclitic form has a different behavior than the other clitic forms. For clitic combinations of special mesoclitic form, Vigário and Nespor proposed two different phonological units, clitic group and phonological word group. Both are at the same phonological level, but relatively the second includes more special forms such as mesoclitic forms. We conclude that the lack of coincidence between morphological words and phonological words is inevitable, which is one of the reasons why words cannot be used as descriptive units in linguistics. The emergence of new phonological units can further improve the interaction between morphology and phonology.

Key-words: morphological word, phonological word, lack of coincidence, Clitic group, Group of phonological words.

Introdução:

Na pesquisa linguística, a definição de palavras sempre foi controversa, parte da razão é que as palavras têm funções diferentes em diferentes subáreas da linguística, e mesmo a forma e os elementos decisivos das palavras em cada área não são os mesmos. Por exemplo, no campo da fonologia, uma palavra fonológica é uma das unidades hierárquicas que constituem uma estrutura, e a marca decisiva de uma palavra fonológica é a presença do acento; no campo da morfologia, um componente importante de uma palavra morfológica é um morfema. No capítulo 1, primeiro explicaremos o conceito de palavras, para justificar a dificuldade ou impossibilidade de definição de palavra.

Em seguida, analisaremos a definição e composição das palavras fonológicas e palavras morfológicas, em princípio, com base do quadro teórico de Câmara. Jr. Para a análise dos casos seguintes, introduzimos mais um conceito de forma linguística de Bloomfield. Depois começamos a análise em detalhe de interação e falta de coincidência entre palavras fonológicas e palavras morfológicas.

No português europeu, pode haver uma assimetria entre as palavras fonológicas e morfológicas. Esses casos especiais têm origem na formação de palavras complexas ou no aparecimento de palavras adicionais, etc.

Podemos ainda classificar este caso especial, que pode ser preliminarmente dividido nos seguintes casos especiais: 1. Palavras compostas. 2. Prefixos tónicos. 3. Clíticos. 4. Forma mesoclítica. Correspondendo os casos de “Palavra fonológica coincide com palavra morfológica, mas não palavra morfossintática” e “Palavra fonológica não coincide com palavra morfológica (que coincide com palavra morfossintática)”

Analisaremos especificamente as razões da falta de coincidência nessas categorias e reformulamos as unidades fonológicas hierárquica nos capítulos finais para melhor explicar a classificação das formas (principalmente clíticas).

Neste artigo, a interação entre palavras morfológicas e palavras fonológicas reflete-se principalmente na falta de coincidência, mas isso também reflete que a palavra como unidade linguística é incapaz de receber uma definição padrão em vários campos linguísticos ao mesmo tempo.

Capítulo 1: Palavra e a sua dificuldade/impossibilidade de definição

A palavra é uma unidade muito interessante, a sua definição é cheia de incertezas. Às vezes, para os falantes, a palavra é uma unidade muito fácil de identificar, mas a sua definição, no entanto, não é tão clara como a sua identificação. Para as pessoas, o conhecimento comum de identificação de palavra normalmente é relacionado com a semântica e fonética. Por exemplo no processo de aquisição da linguagem, para a nomeação de entidades certas ou ações, a semântica e a fonética tornam-se os elementos dominantes de palavra nesse processo. O outro lado, na forma escrita, o critério para identificar as palavras é a ortografia, o que é também relativamente importante no estudo de linguística. Como Veloso (2016) refere: “Um outro indício significativo da importância da palavra enquanto conceito do senso comum ao alcance de qualquer falante encontra-se no facto de muitas aplicações tecnológicas, como os processadores automáticos de texto, incluírem ferramentas, como os “contadores de palavras”, que tomam essa unidade **(mais concretamente, a “palavra ortográfica”, cuja importância em linguística é bastante relativizável)** como unidade de aplicação.” (Veloso, 2016, p.19)

Os falantes podem reconhecer claramente as palavras e entender seus significados na fala, mas na linguística, especialmente em muitas subdisciplinas linguísticas, atualmente é impossível dar definições de palavras que se apliquem a todos os idiomas. A identificação e definição de palavras é difícil encontrar uma explicação que satisfaça a todos. As palavras de Veloso (2016) e Villalva (2012) justificam também esta dificuldade ou impossibilidade.

1. “Como veremos em diversos momentos, confrontamo-nos, em linguística, com uma contradição entre, por um lado, as intuições dos falantes – que geralmente possuem uma noção implícita bastante nítida do que entendem por palavra e se mostram intuitivamente capazes de identificar e de isolar palavras num continuum verbal – e, por outro, a dificuldade (segundo alguns autores, a impossibilidade) de encontrarmos critérios estritamente linguísticos (essencialmente formais e, na medida do possível, aplicáveis a um vasto conjunto de línguas) que permitam uma definição satisfatória da noção de palavra e a sua identificação/delimitação em continua linguísticos mais extensos.” (Veloso, 2016, p.18)

2. “Não está fechada a questão da existência das palavras como unidades de análise linguística, nem a da definição do que estas unidades possam ser, de quais são as suas especificidades, do que as distingue das unidades frásicas que integram, nem de como se afastam do que sejam as peças que as constituem. Para o senso comum, palavra é um conceito acessível, um conceito que faz parte de um conhecimento pré-escolar assente na nomeação dos objetos que acompanha o desenvolvimento das crianças, que também faz parte da experiência académica em que a reflexão sobre a gramática da língua ocupa, de forma constante, um lugar variável, e que não é esquecido ao longo da vida. E, no entanto, no domínio da análise linguística pós-saussureana, é palavra a unidade mais frequentemente posta em causa e a comparação entre línguas mostra que não é fácil encontrar definições de palavra que resistam facilmente à diversidade do que as múltiplas tradições linguísticas chamam palavra.” (Villalva, 2012, p.127-128)

Na ausência de definições precisas de palavras, os linguistas recorrem a unidades mais facilmente definidas e diferenciadas, os morfemas. (Rosa, 2006; Dixon & Aikhenvald, 2003)

“Para evitar que enunciados diferentes pudessem ser segmentados de maneiras diversas e que noções oriundas dos estudos tradicionais fossem associadas à análise gramatical, a linguística do século XX retirou da noção de palavra, em favor da noção de morfema, a ênfase que tinha nos séculos anteriores. O morfema tornou-se a unidade básica da gramática e, por conseguinte, da morfologia – agora transformada em morfologia baseada em morfemas. Desse modo, a morfologia da

maior parte do século XX passou a ser a análise sintagmática dos vocábulos.” (Rosa, 2006, p. 43)

“Os linguistas geralmente pressupõem que a palavra (morfossintática) é uma categoria fundamental e universal da linguagem, porque a morfologia e a sintaxe são ambas definidas em termos da palavra: “A morfologia lida com a composição de palavras enquanto a sintaxe lida com a combinação de palavras” (Dixon & Aikhenvald, 2003, p. 6).

Mesmo assim, ainda não conseguimos definir com precisão palavras e afixos, ou frases com clareza. Esse fenómeno é particularmente evidente em algumas línguas. Por exemplo, em mandarim, especialmente no dialeto de Pequim, **-er** pode existir como uma única palavra monossilábica, expressando o significado de *filho*, ou como sufixo de alguns substantivos, expressando o significado de se referir à forma minúscula. Por exemplo:

花 (flor) → 花儿_(er) (flor pequena)

鱼 (peixe) → 鱼儿_(er) (peixe pequeno)

As palavras de Julien (2006) justificam isso também;

“In Mandarin Chinese, the perfective aspect marker *le* appears in postverbal position. In some works on Chinese, it is written as a separate word [...]. In other works, it is written as a suffix of the verb [...]. This suggests that the authors have different views on the word status of the aspect maker. [...]” (JULIEN, 2006, p. 617-619)

Isso corresponde também a não universalidade de palavra.

Por outro lado, os espaços nas convenções de escrita acentuam a presença de palavras ortográficas, e a representação formal de palavras universais fica assim sujeita a rígidas convenções, principalmente nas línguas ocidentais.

Em todo caso, os linguistas concordaram aproximadamente sobre a dificuldade ou impossibilidade da definição de palavras, com diferentes obstáculos em vários níveis. O artigo de Veloso (2017) resume as diferentes visões de diferentes linguistas em vários períodos, e as conclusões são as seguintes:

- “1) a palavra é uma unidade indefinível ou dificilmente definível.
- 2) parte das dificuldades inerentes à sua indefinição radica na inexistência de delimitadores formais.
- 3) outra parte das dificuldades quanto à sua indefinição reside na sua não universalidade.
- 4) a palavra, assim sendo, seria uma unidade dispensável na descrição de certas línguas cujas gramáticas aparentemente não contemplam um conjunto de regras específicas para a sua construção. Tais línguas, no limite, dispensariam mesmo um domínio morfológico autónomo, como é supostamente o caso das línguas isolantes como o vietnamita.
- 5) em conformidade, uma unidade como o morfema – supostamente mais facilmente delimitável, mais objetivamente definível com base em critérios exclusivamente linguísticos e mais universal – foi proposta por diversos autores como o tipo de unidades sobre que deveria recair a descrição das línguas em substituição precisamente da palavra. (Velo, 2017, p.35-36)

Voltemos às diferenças na definição de palavras nas subdisciplinas da linguística. Diferentemente de categorização de Velo, o nosso estudo tenta analisar dois tipos de palavra; **palavra fonológica e palavra morfológica** definida por Camara Jr. (1969). No seu estudo, Camara Jr. apontou que a definição de palavras está presa pelos nossos hábitos de escrita. Geralmente consideramos a combinação de letras entre dois espaços em branco na escrita como uma palavra, mas as palavras sob essa definição não podem ser usadas como unidades para a descrição geral de problemas linguísticos.

“Tradicionalmente, toda e qualquer descrição da língua portuguesa leva em conta a existência do *vocabulo*¹, e nisso se baseia. Nunca se cogitou, porém, de

¹ Como o Camara Jr. explicou no *Problema de linguística descritiva*: “Há os dois termos, grosso modo equivalentes, “vocabulo” e “palavra”, cuja distribuição complementar de uso não está bem fixada. O melhor critério, para essa distribuição, parece ser o de atribuir a “vocabulo” uma significação geral e considerar “palavra” um tipo especial de vocabulo, de aplicação restrita aos nomes e verbos em correspondência com a distinção do “léxico” de uma língua em face da sua gramática...” (Camara Jr., 1969, p.34) Neste artigo tratamos “vocabulo” de Camara Jr. igual a “palavra” para ser uma unidade possível de descrição linguística.

explicar e claramente definir em que consiste ele. O mau hábito das nossas gramáticas de partir explícita ou implicitamente da língua escrita não as deixou tomar consciência dessa falha metodológica, porque na escrita se entende por *vocábulo* o conjunto de letras que fica entre dois espaços em branco. Como, entretanto, tal praxe não corresponde diretamente a uma realidade oral, a própria língua escrita se vê a braços com dificuldades, muitas vezes.” (Camara Jr., 1969, p.34)

No nível de escrita, as palavras são divididas por os espaços sem branco. Devido aos nossos hábitos de escrita e restrições gramaticais, as palavras não aparecem de forma contínua na forma escrita. Contudo, numa emissão oral de enunciados, as palavras são consecutivas, se não usarmos a palavra escrita como referência, a palavra falada também pode ser uma série de sílabas contínuas e ilimitadas, porque não adicionamos "espaço" após cada combinação de sílaba como na forma escrita. Não há nenhuma pausa deliberada entre cada sílaba. Isso explica também um fenómeno que, às vezes faz com que as pessoas com menores graus de escolaridade escrevam certas palavras sem espaços entre elas. Por exemplo: *Em cima/Encima; A fim/Afim*, etc. No nível de oral, a separação de palavras é dependente da emissão de vogais e de um significado específico vinculado com traço de elemento fónico. Como Camara Jr. refere:

“O grande problema, no âmbito da língua oral, é que por *vocábulo* se entendem duas entidades diferentes. De um lado, há o vocábulo *fonológico*, que corresponde a uma divisão espontânea na cadeia da emissão vocal. De outro lado, há o vocábulo *formal ou mórfico*, quando um segmento fónico se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua. Há certa correspondência entre as duas entidades, mas elas não coincidem sempre e rigorosamente.” (Camara Jr., 1969, p.34)

Embora a maioria das palavras fonológicas tenham a mesma extensão das palavras morfológicas, ainda há uma falta de coincidência entre as duas em certos casos. No nosso estudo seguinte, vamos elaborar mais sobre este fenómeno de “falta de coincidência entre as palavras fonológicas e as palavras morfológicas”. Nos parágrafos a seguir, tentamos explicar os conceitos de *palavra fonológica* e *palavra morfológica*.

Capítulo 2: Palavra fonológica

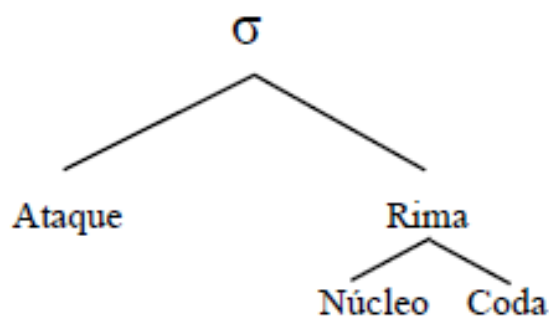
Antes de introduzir a definição de palavra fonológica, ainda precisamos de saber as unidades básicas de fonologia, assim podemos saber como a palavra fonológica é construída.

As unidades menores em fonologia são os fonemas, os fonemas agrupam-se e formam sílabas. Seguem-se as palavras de Nikolai Troubetzkoy, o fundador da fonologia;

“Ces unités phonologiques qui, au point de vue de la langue en question, ne se laissent pas analyser en unités phonologiques encore plus petites et successives, nous les appellerons des phonèmes. Le phonème est donc la plus petite unité phonologique de la langue étudiée. La face signifiante de chaque mot existant dans la langue se laisse analyser en phonèmes et peut être représentée comme une suite déterminée de phonèmes.” (Troubetzkoy 1939: 37-38)

De acordo com a conclusão dele, isso significa que o fonema é a unidade mínima e central de fonologia, é indivisível e opõe significados. É a unidade mais básica de fonologia.

As sílabas, são construídas pelos os fonemas, contudo, têm também estrutura rígida. No português contemporâneo, o modelo mais aceite em fonologia foi o modelo de representação da estrutura silábica que também conhecido como modelo “Ataque-Rima”. O modelo de representação da estrutura silábica foi inicialmente proposto por Selkrik (1984), e com base disso, proposto o modelo “Ataque-Rima” por Freitas e Santos (2001), aceitando por Mateus (2003), Veloso (2003), Ribeiro (2019). Usamos o símbolo “σ” para representar a sílaba. De acordo com o conceito, a sílaba é construída pelo **Ataque** e pela **Rima**. A Rima, por sua vez, é construída por o **Núcleo** e a **Coda**. Em seguinte, vamos analisar os constituintes no português.



--(imagem de construção silábica de Ribeiro, 2019, p.58)

Em primeiro lugar, tentamos clarificar o conceito de Rima. A Rima é o constituinte que contém o Núcleo e a Coda, a Rima pode ser ramificada quando existe a Coda, ex: *gosto*, *forma*, etc. No entanto, é também possível ter uma Rima não ramificada. Isso significa que a Coda é vazia, só tem o núcleo, ex: *la*, *so*, etc.

Em segundo lugar, no constituinte Rima, o Núcleo, é de ocorrência obrigatória numa sílaba. O Núcleo pode ser uma vogal ou um ditongo (Mateus & Andrade 2000). Quando é ramificado, o Núcleo é formado por um ditongo. (Pode ser também um ditongo decrescente com uma semivogal surgir depois da vogal, ex: *mau*.) (Freitas & Santos 2001) Quando é não ramificado, o Núcleo é formado por só uma vogal. A vogal de Núcleo é um elemento decisivo para a força da sílaba porque as vogais têm maior sonoridade e maior duração do que as consoantes.

Em terceiro lugar, o outro constituinte da Rima, a Coda, não tem de ocorrer obrigatoriamente. A Coda é formada por as consoantes que se seguem às vogais. De acordo com o Ribeiro (2019), as únicas consoantes que podem ocorrer nesta posição são: a vibrante alveolar /r/, a lateral alveolar /l/, com o formato fonético velarizado /ɾ/, e a fricativa /s/, com os formatos fonéticos palatais /ʃ/ e /ʒ/. Embora em outras línguas a Coda possa ser ramificada ou não ramificada, no português só existe Coda não ramificada (com a exceção de algumas palavras muito raras na língua que apresentam dois segmentos nesta posição, como *perspetiva* e *solstício*) (Ribeiro M, 2019). É isto que explica que a Coda também possa ser vazia.

Finalmente, o Ataque é o constituinte silábico formado por consoantes antes de vogais de sílaba. Como Ribeiro (2019) e Mateus (2000) referem, todas as consoantes do português podem ocorrer em Ataque de sílaba não inicial de palavra;

em Ataque de sílaba inicial só não podem ocorrer as consoantes [ɲ], [ʎ] e [r]. O Ataque pode ser vazio, ramificado, ou não ramificado.

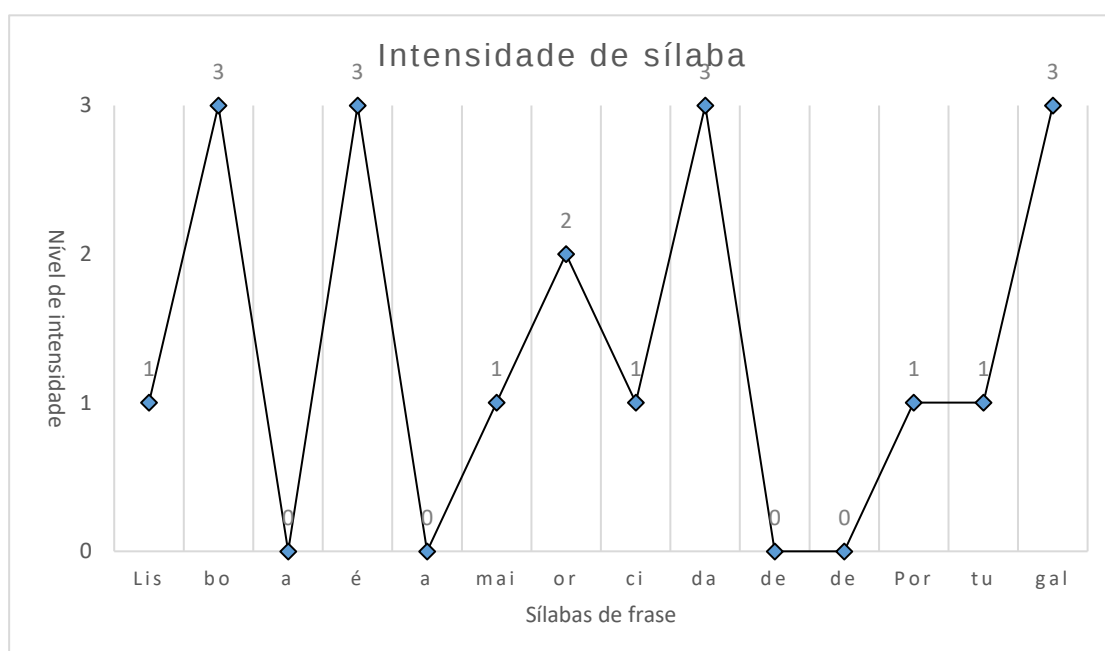
Continuamos a focalizar o conceito de *palavra fonológica*. Em primeiro lugar, num ato de fala, nós sempre emitimos sequências de sílabas para formar enunciados. Entre os grupos de sílabas, há sílabas mais fortes e sílabas mais fracas. Podemos considerar este processo como linear. Numa frase, se traçarmos a intensidade das sílabas com uma curva, obtemos uma curva flutuante, onde os picos correspondem às sílabas com maior intensidade. Tentaremos visualizar esse processo com base da teoria de Camara Jr. (1969) e descobrir a relação entre as sílabas e palavras fonológicas.

O que o Camara Jr. (1969) fez para a identificação de palavra fonológica é, separar os constituintes de enunciado em *grupos de força* e depois marcar as sílabas fortes e fracas com diferentes níveis.

De acordo com a sua definição, “...entre um substantivo e o adjetivo que o qualifica (ex: *campo aberto* ou *livro excelente* ou *grande homem*) não há qualquer pausa.... Há pausa entre qualquer dessas enunciações e um verbo, por exemplo, porque elas constituem um grupo de força e o verbo outro grupo.” (Camara Jr., 1969, p.34) Ele chamou as sílabas mais fortes como sílaba tônica e as sílabas tônicas de força maior são marcadas por número 3, as outras sílabas, são sílabas átonas, mas são também diferentemente no nível de força. as sílabas que vêm antes de sílaba tônica, ou sílabas pretônicas são marcadas por número 1, enquanto o que segue à sílaba tônica, ou sílabas postônicas e átonas finais, são marcadas por 0. No entanto, ele sugeriu também, no grupo de sílabas, só a sílaba tônica do último vocábulo fonológico mantém a intensidade máximo 3, as sílabas precedentes com alta intensidade ou seja, sílabas subtônicas são indicadas por 2.

“Se chamarmos ‘tônica’ a sílaba de força excecional e a indicarmos na nossa descrição por um número convencional 3, as outras sílabas do vocábulo serão ‘átonas’, mas com debilidade diversa de emissão: as que vêm antes da tônica, ou sílabas ‘pretônicas’, têm uma força 1, enquanto o que segue à sílaba tônica, ou sílabas ‘postônicas’ e ‘átonas finais’, respetivamente, são 0 (zero) em sua força. No grupo de força, só a sílaba tônica do último vocábulo fonológico mantém o acento máximo 3. A

de cada um dos vocábulos precedentes fica com acento mais acentuado, que podemos indicar por 2; são ‘subtónicas’.” (Camara Jr., 1969, p.34)



Nesse sentido, para um grupo de sílaba, já podemos fazer a delimitação. No exemplo dele;

gra₂nde₀ bra₁si₁lei₃ro₀; gra₁ndí₂ssi₀ma₀ci₁da₃de₀; be₂la₀flo₃r; flo₂ra₁zu₃l.

Assim, podemos ver que a intensidade de sílaba num grupo é flutuante.

Para explorar a força das sílabas com mais clareza, visualizamos a força dos grupos silábicos com base em sua pesquisa. Através do gráfico de linhas, podemos julgar claramente como dividir as palavras fonológicas.

Por exemplo, se nós analisarmos esta frase: *Lisboa é a maior cidade de Portugal*. Separamos todas as sílabas, vamos ter: *Lis, bo, a, é, a, mai, or, ci, da, de, de, Por, tu, gal*.

Nesse sentido, podemos ver mais clara a mudança de força das sílabas num ato de fala. O processo de emissão oral é linear, não é igual a forma escrita que tem pausas entre cada grupo de sílabas (= “palavras ortográficas”). Contudo, diferentes intensidades das sílabas também podem ser indicativas da separação de palavras

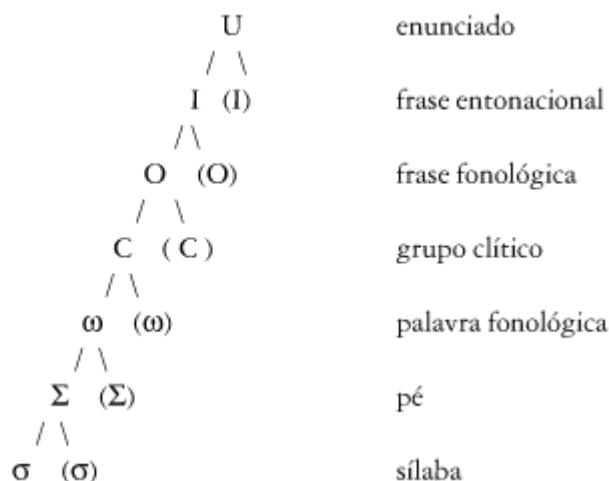
fonológicas. Podemos descobrir que a parte do ponto baixo da linha tracejada até o pico e depois até o outro ponto baixo (às vezes não há o último ponto baixo) geralmente corresponde a uma palavra fonológica completa. Por exemplo, $Lis_1 \rightarrow bo_3 \rightarrow a_0$, $mai_1 \rightarrow or_2$.

Chamamos estas intensidades maiores de 2 de **acentos**, os acentos sempre recaem nas vogais de sílabas fortes. Como podemos ver no gráfico, os picos, que representam os acentos, marcam sempre a existência de palavra fonológica. Por isso, normalmente, tratamos os acentos como sinais de palavra fonológica. Uma palavra fonológica corresponde a um e só um acento. Desta maneira, podemos identificar as palavras fonológicas dentro de unidades maiores, como as frases.

Para verificar este ponto de vista, analisaremos de seguida outras perspetivas encontradas na literatura anterior.

Na área da fonologia, ao nível de “palavra”, o constituinte representativo é palavra fonológica. De acordo com (Nespor & Vogel, 1986, p.141), a palavra fonológica é o nível da hierarquia prosódica que representa o mapeamento entre os componentes morfológicos e fonológicos de uma gramática.

(1) Escala prosódica



(imagem de escala prosódica de Bisol (2004), p.1)

Seguindo as palavras de Bisol (2004), podemos dizer que a palavra fonológica é composta de pés e os pés são formados pelas sílabas.

“Nessa perspectiva, a menor unidade é a sílaba, a qual combina dois ou mais segmentos em torno de um pico de sonoridade; sílabas agrupam-se para formar pés; o pé ou os pés métricos vão constituir a palavra fonológica que se combina com um clítico para formar o grupo clítico e assim sucessivamente até chegar à unidade máxima, o enunciado... Na sílaba, o forte é o membro de maior sonoridade, a rima, e o fraco é o ataque; no pé, apenas uma sílaba é forte; na palavra, o forte é a sílaba com acento projetado pelo pé métrico e o fraco são as sílabas não acentuadas.” (Bisol, 2004, p.1)

Entretanto, o elemento mais forte para identificar a palavra fonológica é o acento. Segue Camara Jr. Câmara (1969, p.35); "Em português, o vocábulo fonológico depende da força de emissão das suas sílabas. Essa força é que se chama acento." Por outras palavras, a palavra fonológica tem que ter uma sílaba tônica, que é a sílaba com maior destaque na pronúncia da palavra. A sílaba tônica pode ser identificada por uma maior duração, intensidade e altura tonal em relação às outras sílabas da palavra. Para identificar se uma sílaba tem a capacidade de atrair acento, conduziremos uma análise interna da sílaba no Capítulo 5 e não ocuparemos muita discussão aqui.

Nesse sentido, no português europeu, a identificação de palavras fonológicas requer a divisão das sílabas das palavras e a distinção das sílabas com acentos, de modo a identificar a extensão de uma palavra fonológica.

De acordo com o resumo acima do conceito de palavras fonológicas, podemos distinguir e identificar palavras fonológicas nos seguintes exemplos de vocabulário. Os seguintes exemplos de palavras também serão classificados e discutidos novamente na próxima parte e no Capítulo 5, mas primeiro precisamos realizar o reconhecimento fonológico básico de palavras neles.

(1). Grupo1. *guarda-chuva, cachorro-quente, arco-íris.*

Grupo2. *camisola, água, morango, pintura.*

Grupo3. *ajuda-me, amo-te, diga-me.*

Na primeira palavra do grupo1, dividimos as sílabas separadamente, podemos ter 4 sílabas, as sílabas tônicas são **guar** e **chu**. O acento recai nas vogais **a** e **u**. Em

termos de palavra fonológica, a palavra *guarda-chuva* pode ser identificada como duas palavras fonológicas. Igualmente, todas as palavras em grupo 1 têm duas palavras fonológicas. Contudo, nós, como falantes, reconhecemos as palavras do primeiro grupo como uma única palavra, não como duas palavras fonológicas. Nesse sentido, falta a coincidência no nível de palavra que nós conhecemos e no nível de fonologia. Todos os exemplos do grupo 1 são palavras compostas.

No grupo 2, cada palavra é de formas simples, tendo o tamanho de palavra fonológica igual a palavra na intuição linguística natural dos falantes de português. O grupo 2 representa a maioria das palavras no português europeu que têm formas correspondentes às palavras fonológicas. Visto que sempre têm o máximo de 5 sílabas e só um acento, respeitam também a regra de distribuição de acento.

No grupo 3, contudo, a situação é mais específica. As palavras de grupo 2 são considerados “grupos clíticos”, de acordo com as explicações a baixos:

"The clitic group in Portuguese is a sequence of clitics that immediately follows the inflected verb" (Duarte, 2000, p.3)

"The term clitic group is used here to refer to the sequence of clitics that immediately follows the verb form" (Barbosa, 1995, p.24)

Os grupos clíticos são formados por um verbo e um clítico e, normalmente, os clíticos que seguem os verbos são monossilábicos e átonos. Como nos exemplos o clítico “me”, “te”, etc. Uma vez que os clíticos também transportam semanticamente o seu próprio significado, para os falantes, os clíticos são identificados como palavras anexadas a verbos. Nesse sentido, na situação do grupo 3, ao contrário com o grupo 1, temos uma palavra no nível de fonologia, mas duas na identificação morfossintática.

Com os exemplos acima, já podemos descobrir que o tamanho de palavra fonológica não é sempre igual ao elemento terminal de árvore sintática. O foco para a identificação de palavra fonológica é o acento.

Capítulo 3: Palavra morfológica

A morfologia foca-se principalmente no estudo da estrutura da palavra e as regras de formação de palavras. As seguintes citações demonstram esta afirmação:

“The study of the internal structure of words, and of the rules by which words are formed, is morphology... knowledge of morphology includes knowledge of individual morphemes, their pronunciation, and their meaning, and knowledge of the rules for combining morphemes into complex words.” (Fromkin, 2018, p.148-154)

“No âmbito dos estudos linguísticos, a morfologia dedica-se apenas ao conhecimento de um tipo específico de formas, que são as palavras. Mas dizer que a morfologia se ocupa do conhecimento da forma das palavras é, simultaneamente, dizer pouco e dizer demais: há aspetos da forma das palavras, como a sua realização fonética, que competem, não à morfologia, mas sim à fonologia ou à prosódia. E, inversamente, também não se pode afirmar que a morfologia se ocupa apenas da forma das palavras, dado que a morfologia também trata das relações que se estabelecem entre a forma, a função e o significado das palavras.” (Villalva, 2008, p.10)

Na fonologia já mencionamos que sua menor unidade é o fonema. Da mesma forma, na morfologia, existe também uma unidade mínima que pode ser gradualmente combinada para formar unidades morfológicas maiores. Esta menor unidade é chamada de morfema. As citações a seguir provarão esse ponto e explicarão as propriedades dos morfemas:

“The linguistic term for the most elemental unit of grammatical form is morpheme.” (Fromkin, 2018, p.148)

“Existem, no entanto, unidades de som e conteúdo menores que as palavras...A essas unidades significativas mínimas dá-se o nome de morfema.” (Cunha & Cintra, 2014, p.89-90)

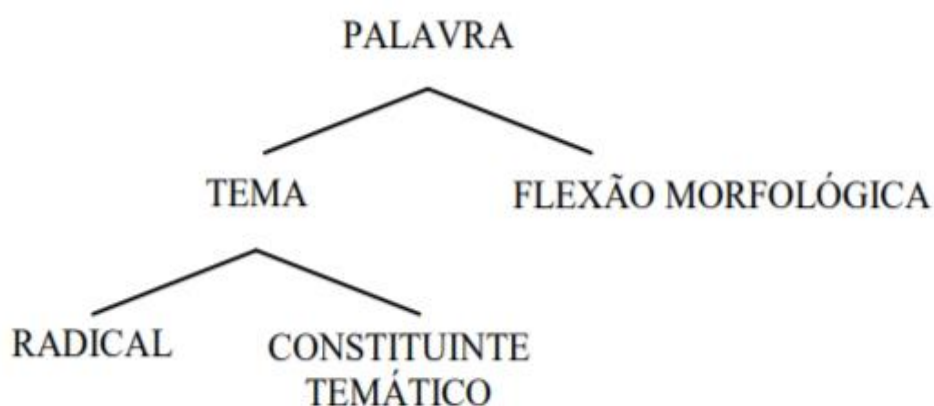
Do ponto de vista morfológico, o morfema é a menor unidade com significado. A unidade maior do que o morfema, é a palavra morfológica. As palavras morfológicas

são unidades compostas por um ou mais morfemas com flexão. Segundo o argumento de Villalva (2008), podemos compreender a composição das palavras morfológicas.

“A definição de palavra em morfologia não coincide com nenhuma das anteriores. Para a morfologia, as palavras são estruturas, ou seja, são formas analisáveis em unidades menores a que se dá o nome de constituintes morfológicos².” (Villalva, 2008, p.15)

A estrutura morfológica, de acordo com Villalva: “No Português, por exemplo, para que uma dada estrutura seja reconhecida como uma palavra é necessário que ela contenha um radical (simples ou complexo, como veremos em seguida), um especificador morfológico, chamado constituinte temático, e um (ou dois) especificador(es) morfossintático(s), que realiza(m) a flexão morfológica.” (Villalva, 2008, p.15-16)

Mostramos em imagem a estrutura morfológica de Villalva (2008)



Devido às necessidades de análise subsequente, não utilizaremos temporariamente esta estrutura morfológica de palavras para análise, para evitar

² No livro de “*Gramática de Português Europeu*” de Mateus, na parte V a autora Villalva introduziu a substituição de morfemas por constituintes morfológicos: “A morfologia ocupa-se da descrição da estrutura interna das palavras, procedendo à sua segmentação em constituintes morfológicos e à análise das relações que estabelecem entre si, e trata também da formação de palavras, nos casos que envolvem processos morfológicos. A utilização do termo constituinte morfológico em substituição de morfema não corresponde a uma simples alteração terminológica.” (Mateus, 2003, ParteV, p.2) Para não se envolver em discussões irrelevantes, tratamos “constituinte morfológico” como morfema.

tornar a análise subsequente muito complicada. Pelo contrário, podemos utilizar a unidade de “palavra mórfica” com estrutura mais simples para análise, de modo a tornar mais clara a análise posterior.

Na visão atual, esse conceito de “palavra mórfica” (termo usado sobretudo em Camara Jr. 1969, fundamentalmente equivalente à unidade a que podemos também chamar “palavra morfológica”) deve ser minimamente discutido. O objetivo da adoção deste conceito é que as diversas formas linguísticas que ele envolve sejam mais propícias à análise dos exemplos nos capítulos seguintes. No que se segue, tratamos a unidade “palavra mórfica” proposta por Camara Jr. igual a unidade “palavra morfológica”.

Como já foi referido por Camara Jr. (1969): “A palavra mórfica corresponde a segmentos fónicos individualizados em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua.” (Camara Jr., 1969, p.34) Por outras palavras, a palavra mórfica tem de ter um significado ou um papel atribuído indispensável.

A definição de palavra mórfica ou palavra formal também foi inicialmente mencionado por Joaquim Câmara Jr. em *Problemas de linguística descritiva* (1969). “O critério para definir a unidade vocabular mórfica foi basicamente estabelecido pelo linguista norte-americano Leonard Bloomfield. Segundo ele, as unidades formais de uma língua são de duas espécies: formas livres (quando constituem uma sequência que pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente) e formas presas³ (que só funcionam ligadas a outras). **O vocábulo formal (mórfico) é a unidade a que se chega, quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres. Constará, portanto, de uma forma livre indivisível (ex: luz), de duas ou mais formas presas (ex: im-pre-vis-ível) ou de uma forma livre e uma ou mais formas presas (ex: in-feliz).**” (Camara Jr., 1969, p.36)

³ As formas livres e formas presas são inicialmente mencionadas pelo Bloomfield. Contudo, vamos ainda elaborar este conceito no nível de frase e de palavra na parte próxima. Principalmente para clarificar a categorização das palavras com prefixos nos capítulos seguintes.

Além das formas livres e formas presas, Camara Jr. também introduziu um outro conceito: **forma dependente**⁴. Ao contrário das outras duas formas, esta forma não tem a mesma independência que a forma livre, mas também ao contrário da forma presa, que é extremamente fixa. Esta forma é mais como uma forma especial entre as duas. Exemplos correspondem esta forma em português incluem: artigos, pronome pessoais e outras partículas. De qualquer forma, as formas independentes são consideradas também palavra mórfica porque têm seus papéis sintático especial e não pode ser dividida ou omitida.

Em resumo, devido à definição de Camara Jr., as palavras mórficas/morfológicas pode ser, formas dependentes como os artigos ou outras partículas e, também não podem ser divididas em duas ou mais formas livres.

Nesse sentido, voltemos aos exemplos de (1). Tentemos analisar quais são as palavras mórficas e as suas extensões.

- Grupo1. *guarda-chuva, cachorro-quente, arco-íris.*
- Grupo2. *camisola, água, morango, pintura.*
- Grupo3. *ajuda-me, amo-te, diga-me.*

No grupo1, consideramos as palavras como palavras compostas. A classe gramatical dos componentes de palavra composta não muda e, os componentes, por exemplo, *guarda* e *chuva*, podem existir independentemente nas frases, consideramos os componentes desses compostos como palavras morfológicas independentes.

No grupo2, os exemplos são palavras simples e também indivisíveis. considerando como únicas formas livres. Essas palavras são também as palavras que usamos mais frequentemente. Sem dúvida que são palavras morfológicas.

No grupo3, dividimos ainda os grupos clíticos em duas partes: uma palavra morfológica e fonológica (verbo, acentuado), seguido de uma palavra morfológica sem acento (pronome, clítico). Por exemplo: em *ajuda-me*, podemos identificar esses

⁴ Também será discutida no capítulo seguinte, vamos analisar em detalhe as propriedades de “forma dependente”.

dois formativos em *ajuda* e *me*. O verbo *ajuda*, nesse sentido, é ainda uma forma livre e tem o seu próprio significado. No entanto, os pronomes clíticos não correspondem nem a uma forma livre nem a uma forma presa. Devido à definição de forma dependente de Camara Jr. (1969), consideramos o pronome átona *me* como forma dependente. Assim, podemos dizer que o grupo clítico *ajuda-me* é composto por duas palavras mórficas (*ajuda* e *me*), mas por uma só palavra fonológica (*ajuda*).

A palavra mórfica, do ponto de vista de sua composição, é uma unidade linguística que se aproxima mais da noção mais intuitiva de “palavra”, dado que na nossa cognição comum, a palavra contém sons, mas também significado no nível semântico, estrutura interna no nível morfológico e classe gramatical no nível sintático. As formas linguísticas que servem como constituintes são também, uma concentração destas três áreas. Em seguida, vamos analisar em detalhe as formas linguísticas.

3.1: Forma livre, forma presa e forma dependente

Nos parágrafos anteriores, discutimos a definição de palavra mórfica. Com a introdução do Camara Jr. (1969), já sabemos que as formas livres / presas / dependentes são indispensáveis para a identificação da palavra mórfica. Contudo, para a categorização de palavra no estudo seguinte, precisamos ainda saber bem a definição de forma e, ainda no nível de frase e de palavra.

*“Our discussion so far has shown us that every language consists of a number of signals, **linguistic forms**. Each linguistic form is a fixed combination of signaling-units, the **phonemes**...By uttering a linguistic form, a speaker prompts his hearer to respond to a situation; in this situation and the responses to it, are the linguistic meaning of the form. We assume that each linguistic form has a constant and definite meaning, different from the meaning of any other linguistic form in the same language.”* (Bloomfield, 1994, p.158)

Com base destas palavras de Bloomfield (1994), cada língua é consistida por certo número de sinais. O nome destes sinais chama-se *forma linguística*. No entanto, as formas linguísticas são construídas por unidades menores, referidas no capítulo anterior, os *fonemas*. Em cada língua, os números de fonemas e os números de

combinação de fonemas são limitados. Isso significa que numa língua, os fonemas e as formas linguísticas são limitadas. Cada forma linguística tem um significado definido, diferente com os outras formas linguísticas de mesma língua.

Adotamos os exemplos em Inglês de Bloomfield (1994, p. 158-159) para nossa análise:

*Suppose we hear a speaker say: **John ran.***

*And a little later hear him or other speaker say: **John fell.***

*If we are lucky, we may hear someone utter the form: **John.***

Nestes três casos, os primeiros dois são parcialmente parecidos no nível fonético, visto que em ambos há o elemento comum *John*. Nós podemos saber que quando um enunciado contém este elemento *John*, o significado pressupõe um homem ou um rapaz. Nas primeiras duas locuções, a parte comum (Neste caso é a palavra *John*) é consistida por uma forma, isso, corresponde também a definição de forma linguística.

No entanto, além do enunciado que contém o elemento fonético igual a *John*, também pode ter mais com elementos diferentes.

“Having heard the form *John ran*, we may later hear the form *Bill ran*, and perhaps even (say, in answer to a question) an isolated *Ran*. The same will happen with the component *fell* in *John fell*; We may hear a form like *Dan fell* or even an isolated *Fell*.” (Bloomfield, 1994, p.158-159)

Neste caso, os elementos como *ran* ou *fell* também podem ser considerados como formas linguísticas.

Nos outros casos, para as formas linguísticas *John* ou *Dan*, também podemos ter formas diferentes como *Johnny* ou *Danny*, onde o sufixo -y significa “pequeno”. Contudo, nunca podemos ouvir o sufixo -y isoladamente. Embora este sufixo não possa aparecer isoladamente, podemos ainda considerar este sufixo como forma linguística, visto que tem forma fonética e um significado definido.

Para a língua portuguesa, o caso é idêntico. Podemos manter o significado dos exemplos e substituir por expressões em português, como: *O João correu; João caiu; João.* Equivalente em português, ao sufixo inglês *-y*, encontramos *-inho* em português. Por exemplo, *Ricardo* e *Ricardinho*. Portanto, o sufixo *-inho* é também uma forma linguística.

Assim, resumiu o Bloomfield (1994, p.160-161): ***“A linguistic form which is never spoken alone is a bound form; all others (as, for instance, John ran or John or John) are free forms.”*** Isso significa que, as formas linguísticas que não podem aparecer isoladamente, têm de ser usadas com outros componentes justamente por isso são **formas presas**. As formas linguísticas que aparecem livremente nos enunciados ou nas locuções são **formas livres**.

Com base neste conceito de forma livre e forma presa, podemos categorizar quase todas as formas linguísticas. A forma linguística só pode ser uma forma livre ou uma forma presa. Contudo, como o que o Camara Jr. (1969) refere, há ainda um terceiro tipo de forma linguística, a “forma presa”, que é das duas primeiras. No exemplo do autor, *o livro* são duas formas linguísticas, a forma “presa” é o artigo *o*, a forma livre é o nome “*livro*”. O artigo “*o*” não pode ocorrer isoladamente. Porém, como o Camara Jr. sublinha, podemos introduzir entre o artigo e o nome material linguístico: “*o grande livro*” ou “*o excelente e magnifico livro*”. Isso não é admitido, conforme dissemos no caso de sufixo “*-inho*”, e mostra que, para certas formas não livres, é ainda possível de intercalar novas formas livres entre elas e as formas a que estão ligadas.

Além disso, existe ainda o outro caso para a não-correspondência entre as propriedades das formas “presas”. Os pronomes átonos são também considerados como formas “presas” porque não ocorrem isoladamente, e não podem funcionar como uma locução sozinhos. O exemplo que Camara Jr. usa é o pronome pessoal “*se*”,

na expressão *fala-se*: aqui, o pronome comporta-se quase como uma forma “presa” que tem de ser ligada ao verbo. No entanto, a expressão *se fala*, tem um significado quase igual à original, a posição do pronome “se” muda de pós-verbal para pré-verbal. Nas locuções de língua portuguesa isso é um fenómeno comum, é possível para os pronomes mudarem a posição relativa aos verbos. Se nós compararmos com o sufixo *-inho*, a alteração de posição é claramente impossível.

Assim, temos dois tipos de formas “presas” linguísticas diferentes, pelo que já não parece adequado usar a expressão “formas presas” para designar estes dois casos. Camara Jr. chama a este tipo especial de forma, “***forma dependente***”: na sua conceção, a forma dependente é aquela que “**não pode ocorrer isoladamente como comunicação suficiente, mas ainda é suscetível de duas possibilidades para se disjuntir da forma livre a que se acha ligada ou alterar a sua posição em referência à forma livre a que está ligada.**” (Camara Jr., 1969, p.36-37)

Com base neste conceito de forma linguística, podemos refletir melhor mais sobre o nível de palavra, especialmente no que diz respeito às palavras compostas. Por exemplo, os “radicais independentes”, têm significado e podem ocorrer isoladamente como palavras simples, são também de formas livres, ex: *luz*, *água*, *pé*, etc. No entanto, se ligarmos as palavras *água* e *pé*, formamos uma nova palavra composta *água-pé*, que significa uma bebida alcoólica. Na forma composta, as partes de *água* e *pé* já não têm os seus significados originais, são indivisíveis.

Capítulo 4: A coincidência entre palavra fonológica e palavra morfológica

Geralmente, as palavras fonológicas e palavras morfológica no português coincidem entre si. Para a maioria das classes de palavra, elas podem ser consideradas palavras fonológicas e palavras morfológicas porque são formas linguísticas portadoras de forma fonética e de significado. Se nós analisarmos no nível de palavra, podemos dizer que há uma enorme quantidade de palavras fonológicas que correspondem a palavras morfológicas. De seguida, enumerarmos alguns exemplos em classes gramaticais diferentes de palavra, usamos a pauta de Camara Jr. para marcar força de sílaba e usamos abreviações (FP, FL) para indicar a forma presa e forma livre.

- Substantivo:

- 1 garrafa → $gar^1ra^3fa^0$; (garrafa)_{FL};

Tem um acento único, uma forma livre única. Assim, é uma palavra fonológica e uma palavra morfológica.

- 2 aeroporto → $a^1e^1ro^1por^3to^0$; (aero)_{FP} (porto)_{FL};

Tem um acento único, uma forma presa de prefixo *aero* e uma forma livre *porto*. Por isso é uma palavra fonológica e uma palavra morfológica.

- Verbo:

- 1 sair → $sa^1i^3re^0$; (sair)_{FL};

É o modo infinitivo de primeira/terceira pessoa do verbo *sair*. Tem um acento único, uma forma livre *sair* é uma palavra fonológica e uma palavra morfológica.

- Adjetivo:

- 1 imprevisível → $im^1pre^1vi^1sí^3vel^0$; (im)_{FP} (pre)_{FP} (vis)_{FP} (ível)_{FP}

Tem um acento único, quatro formas presas. É uma palavra fonológica e uma palavra morfológica.

2 infeliz→ in¹fe¹liz³; (in)_{FP} (feliz)_{FL}

Tem um acento único, uma forma presa de prefixo *in* e uma forma livre *feliz*. Assim é uma palavra fonológica corresponde uma palavra morfológica.

- Advérbios

1 muito→ mui³to⁰; (muito)_{FP}

É um advérbio de intensidade, tem um acento único, uma forma presa. É também uma palavra morfológica e uma palavra fonológica.

2 claramente→ cla¹ra¹men³te⁰; (clara)_{FL} (mente)_{FP}

É um advérbio de modo, tem um acento único, uma forma livre *clara* e uma forma presa *mente*. É uma palavra fonológica e uma palavra morfológica.

- Pronome:

1 contigo→ con¹ti³go⁰; (cum/com)_{FP} (tigo/tecum)_{FP}

Tem um acento único, duas formas presas. Vale a pena mencionar que, a forma presa *com* é de preposição que tem a origem da forma *cum* do latim e, a forma presa *tigo* vem também de forma latina *tecum*. No entanto, a forma *tigo* é considerada de comutação de pronome *ti*, temos assim igualmente *comigo*, *connosco*, etc⁵. Por isso, é uma palavra fonológica e uma palavra morfológica.

2 minha→ mi³nha⁰; (minha)_{FL}

⁵ De acordo com a maneira de análise de palavra mórfica de Camara Jr. (1969), ele surgiu assim: “O objetivo da análise descritiva, ou sincrônica, do vocábulo mórfico é descrever-lhe a engrenagem atualmente operante, depreendendo os elementos constituintes de acordo com uma significação e uma função elementar que lhes é atribuída dentro da significação e da função total do vocábulo. Assim, em português, por exemplo, se destaca com-, de comer, em contraste com beb-, de beber; ou se obtém cant-, de cantar, face a fal-, de falar, ou grit-, de gritar. No primeiro exemplo, cada qual dos dois segmentos indica uma dada atividade de alimentação (ingerir um alimento sólido ou ingerir um líquido), como, no segundo exemplo, se afirma em cada um dos três segmentos dos três verbos considerados um diferente uso da voz. Analogamente se tem -migo, para comigo, em equivalência com a forma mim em de mim, para mim, por mim, etc.”

É o pronome possessivo da primeira pessoa singular, tem um acento único, é uma forma livre. A palavra morfológica tem tamanho igual à palavra fonológica.

- Preposições:

1 após → a¹pós³; (após)_{FP}

É uma preposição essencial. Tem um acento único, uma forma presa, a palavra fonológica corresponde a palavra morfológica.

2 durante → du¹ran³te⁰; (durante)_{FP}

Tem um acento único, uma forma presa, a palavra fonológica corresponde a palavra morfológica.

- Conjunções:

1 portanto → por¹tan³to⁰; (por)_{FP} (tanto)_{FP}

É uma conjunção conclusiva, tem um acento único, duas formas presas *por* e *tanto*. A palavra fonológica corresponde a palavra morfológica.

2 assim → as¹sim³; (assim)_{FL}

É uma conjunção explicativa, tem um acento único, uma forma presa. É uma palavra fonológica e uma palavra morfológica de tamanho igual.

- Quantificadores:

1 pouco → pou³co⁰; (pouco)_{FL}

É um quantificador indefinido, tem um acento único, uma forma livre, é uma palavra fonológica e uma palavra morfológica com o tamanho igual.

2 quatro → qua³tro⁰; (quatro)_{FL}

É um quantificador numeral, tem um acento, uma forma livre. É uma palavra fonológica e uma palavra morfológica.

Com base destes exemplos, podemos ver que há grande número de palavras fonológicas e de palavras mórficas de classes diferentes que possuem tamanhos iguais.

Esta coincidência existe em quase todas as categorias lexicais. No entanto, ainda há palavras especiais que quebram essa coincidência harmoniosa.

Capítulo 5: A falta de coincidência entre palavra fonológica (PF), palavra morfológica (PM) e palavra morfossintática (PMS)

No capítulo 4 já analisámos a coincidência entre palavra fonológica e palavra morfológica, mas, como Camara Jr. disse, nem sempre existe a coincidência entre palavra fonológica e palavra morfológica. Neste capítulo vamos continuar a discussão em detalhe de quais são os tipos desta falta de coincidência entre palavra fonológica e palavra morfológica.

Com base na classificação do exemplo do primeiro capítulo, podemos dividir esta falta de coincidência em tipos diferentes para termos uma visão mais clara dos fatores que causam a não correspondência. Além disso, para a análise de uma categoria específica de palavra (palavra composta), foi acrescentada a unidade de “palavras morfossintáticas”. No exemplo de palavra composta como *guarda-chuva*, não há falta de coincidência entre palavra morfológica e palavra fonológica, são duas palavras fonológicas e duas palavras morfológicas, mas uma só palavra morfossintática.

Nesse sentido, podemos classificar assim dois tipos diferentes de falta de coincidência:

a. $PF=PM \neq PMS$

Palavra fonológica coincide com palavra morfológica, mas não palavra morfossintática.

b. $PF \neq PM (=PMS)$

Palavra fonológica não coincide com palavra morfológica (que coincide com palavra morfossintática)

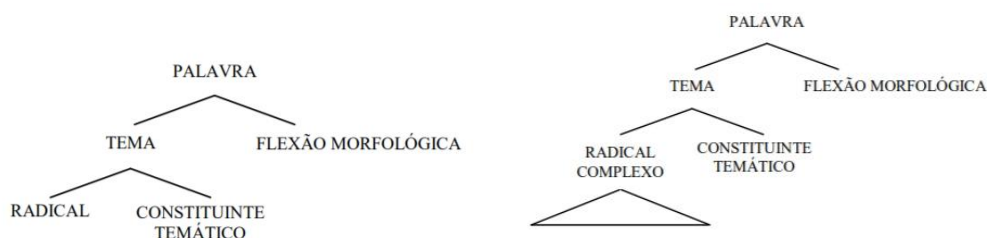
5.1 PF=PM≠PMS – Duas palavras morfológicas e fonológicas, mas uma palavra morfossintática: Palavras compostas

No primeiro tipo, a palavra corresponde uma palavra morfossintática, mas a duas (ou mais) palavras fonológicas e duas palavras morfológicas. Isto é: esta palavra pode ser dividida em duas formas livres e nesta palavra existem duas ou mais acento, mas morfossintaticamente não pode ser mais dividido. O caso mais óbvio são as palavras compostas, que são morfossintaticamente consideradas como um todo e não podem ser decompostas em formas menores com significado ou com função sintática autónoma.

A formação de palavras admite, em português, os processos derivacionais e os processos composicionais. As palavras compostas são formadas por processo composicional. Com base na citação a seguir, podemos compreender como a formação das palavras é classificada no nível morfológico.

“Os processos morfológicos de formação de palavras disponíveis no português são processos de afixação e de composição: os primeiros, claramente predominantes, resultam da concatenação de um afixo a um radical, um tema ou uma palavra; os segundos operam por concatenação de dois ou mais radicais ou de duas ou mais palavras.” (Mateus & Villalva, 2003, parteV, p.2)

Ao comparar a estrutura morfológica de palavras complexas e palavras simples, podemos analisar a composição interna de palavras compostas. De acordo com Mateus & Villalva (2003), a estrutura morfológica de palavras simples e de palavras complexas são assim:



Estrutura morfológica de palavras simples Estrutura morfológica de palavras complexas (Mateus & Villalva, 2003, parteV, p.19-20)

“...**palavras simples** (e.g. claro, sistema ou ligar), palavras em que a relação entre a forma, o significado e as propriedades gramaticais que lhes estão associadas é uma relação arbitrária e imprevisível. Estas palavras possuem um único radical, que é uma unidade lexical inanalísável, e sufixos que o especificam morfológica e morfossintaticamente, variando nas suas categorias de flexão... No caso das **palavras complexas**, a posição do radical domina uma nova estrutura morfológica, que pode integrar um radical e um afixo (cf. clar-ificar, des-ligar) ou dois radicais (cf. ec-o-sistem-as), sendo que cada um dos radicais encaixados pode, por sua vez, ser uma nova estrutura morfológica (cf. clar-ifica-dor, re-des-ligar, micro-ec-o-sistema). Nestes casos, a configuração é expandida por **ramificação do radical**. As palavras que possuem um radical complexo são estruturas de afixação e de composição: as primeiras, predominantes no Português, resultam da concatenação de um afixo (prefixo ou sufixo) a um radical, um tema ou uma palavra; as segundas são geradas por concatenação de dois ou mais radicais.” (Mateus & Villalva, 2003, parteV, p.20)

A diferença entre palavra simples e palavra complexa é a ramificação do radical. Em palavras compostas formadas em forma composicional, isso se materializa na união de dois radicais. Podemos dar alguns exemplos de palavras compostas:

guarda-chuva

tapa-vento

passatempo

beija-flor

segunda-feira

cão-guia

Por exemplo, na primeira palavra composta *guarda-chuva*, temos a estrutura assim: *guard*_{radical} *a*_{constituente temático} + *chuv*_{radical} *a*_{constituente temático}. Consideramos os componentes *guarda* e *chuva*, são ambas palavras morfológicas, visto que podemos tratar os radicais encaixados como uma nova estrutura morfológica. Por isso, a palavra composta *guarda-chuva* tem duas palavras morfológicas. Ao mesmo tempo, também podemos analisá-lo de uma forma mais simples. Se dividimos a palavra composta em

formas linguísticas. Podemos ter ainda duas formas livres, correspondem respetivamente *guarda* e *chuva*, que podem ocorrer isoladamente nas frases sem mudam suas classes gramaticais. Por isso esta palavra composta não é uma palavra morfológica, as duas formas livres são as palavras morfológicas. No entanto, devido à sua indispensabilidade no nível de sintaxe, só pode ser uma palavra morfossintática. Nesse sentido, os exemplos de palavra composta têm uma falta de coincidência entre formas de palavra morfológica e de palavra morfossintática.

Ao nível de fonologia, as palavras compostas de dois radicais têm, principalmente, dois acentos na sua interna. Os componentes são também naturalmente palavras fonológicas quando existem isoladamente nos enunciados. Devido a formação composicional, não há perda de acento ou omissão de sílabas. Formam assim, ainda duas palavras fonológicas numa palavra composta. No exemplo de *guarda-chuva*, marcamos os acentos com o critério de Camara Jr.: *guar₂da₀-chu₃va₀*. Tratamos de um grupo de força, tem dois acentos que recaem na sílaba *guar* e *chu*.

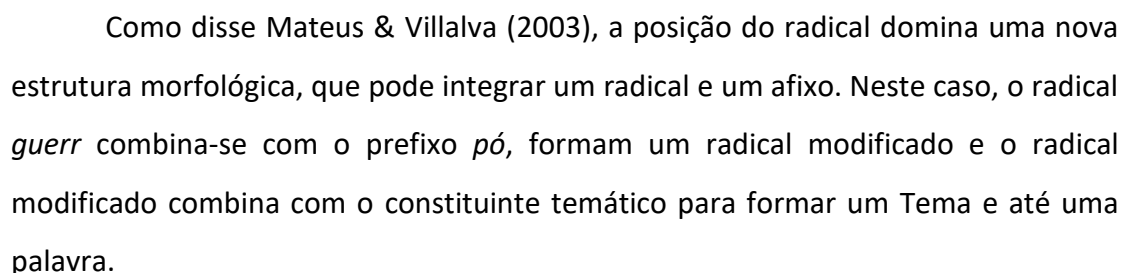
Em resumo, nas palavras compostas por mais de um radical, formam duas palavras morfológicas e duas palavras fonológicas, mas uma só palavra morfossintática.

5.2 PF≠PM – Uma palavra morfológica, mas duas palavras fonológicas: Prefixos “livres”

Na parte 3.1 já citamos as opiniões de Mateus & Villalva (2003). Para palavras complexas, existem duas formações de palavras: afixação e composição. Nesta parte discutiremos a afixação, principalmente o vocabulário produzido pela prefixação, palavras prefixadas.

A estrutura de palavras prefixadas tem um prefixo sempre à esquerda de uma base. A maioria dos prefixos pode se tornar sílaba átona antes da sua base no processo de prefixação, e uma pequena parte dos prefixos com acento pode continuar a manter

No nível morfológico, analisamos primeiro a estrutura morfológica das palavras prefixadas, podendo, de acordo com a citação em 3.1, tomar como exemplo para análise a palavra “pós-guerra”.



“Como os demais afixos, também os afixos derivacionais são constituintes presos; os afixos derivacionais agregam-se a uma base lexical formando com ela um lexema distinto da lexema que constitui essa base.” (Rio-Torto, 2013, p.62)

Por outras palavras, consideramos as palavras com prefixos de “forma presa + forma livre”, não é possível de dividir em mais formas livres e só uma forma presa não é suficiente para formar uma palavra morfológica.

Por isso, uma palavra com prefixo só pode ser uma palavra morfológica. Continuamos a nossa análise na perspetiva de fonologia.

O tipo de palavra que corresponde a falta de coincidência entre palavra morfológica e palavra fonológica é de palavra com certos prefixos. Como diz Bisol (2004), a prefixação pode resultar num só vocábulo fonológico ou numa estrutura semelhante às palavras compostas. No último caso (exº: “pré-inscrição”), o prefixo é um vocábulo fonológico, pois conserva o acento próprio (cf. vogal semiaberta, sem redução átona, ao contrário do que acontece com “prever”), podendo mesmo comportar-se como uma forma livre (“As pessoas dividiram-se em dois grupos: os prós e os contras.”). Os exemplos de prefixos do Bisol são divididos em “forma presa e forma livre”⁶. Isso significa que, o primeiro tipo de prefixo – idêntico a uma forma presa parte da estrutura silábica integral de palavra; nestes casos, o prefixo, fonologicamente, é a sílaba átona afixada à esquerda da base de palavra (“prever”). O segundo tipo, ao contrário, forma-se individualmente a palavra fonológica (pré-inscrição).

O mesmo prefixo pode aparecer em ambos os casos acima. O fator decisivo é como o prefixo se combina com a base durante a prefixação. No artigo de Bisol (2004), a autora exemplifica com os prefixos, *pré* e *pós*, para servirem como explicação da sua análise. Nas palavras *pospor* e *pós-guerra* a prefixação produz resultados diferentes quanto ao número de palavras fonológicas geradas, ou seja, quanto ao número de acentos encontrados na forma final: em *pospor*, a palavra derivada corresponde a uma só palavra fonológica, enquanto que em “pós-guerra”, pelos motivos acima explicados, encontramos duas palavras fonológicas (=dois acentos). Bisol compara este tipo de

⁶O Bisol usa a forma presa e livre aqui principalmente para categorizar os prefixos, o mesmo prefixo pode ter o seu mesmo significado independente mas também pode ser uma parte indispensável. Mas o uso de “forma livre & presa” parece ter um pouco conflito com o conceito de Bloomfield dado que as formas são analisadas no nível de frases e os prefixos, no nível de frase, são sempre formas presas. Por isso usamos só “prefixos livres” ou “prefixos presos” para indicar o atributo de prefixo no nível de palavra.

prefixos às “formas presas” (quando não mantêm o acento) e às “formas livres” (quando mantêm o acento). No entanto, para não haver confusões com o conceito de Bloomfield, usamos “**prefixo preso** e **prefixo livre**” para indicar a sua propriedade.

O prefixo *pós*, é uma forma linguística presa por causa de não independência nas frases, e semanticamente transmite o significado de “posição posterior”, tem comportamento fonético e fonológico, trata-se de monossílabo com acento recaído na vogal [O].

Na palavra *pospor*, o prefixo não pode ocorrer isoladamente, ou seja, não tem o seu significado senão combinar com a base *por*. Fonologicamente, o prefixo *pós* perde o seu acento e torna-se uma sílaba pretónica antes da base. No nível de fonologia, o prefixo *pós* em construções como “*pós-guerra*” conserva ainda o seu acento. Por isso, podemos aceitar, nestes últimos casos, o prefixo *pós* como uma palavra fonológica e a base *guerra* uma palavra fonológica também. Contrariamente, na palavra *pospor*, se analisarmos no nível de palavra, o prefixo *pós* serve fonologicamente e semanticamente como uma parte indispensável. Assim, nestes casos, o prefixo *pós* é um **prefixo preso**. Na palavra “*pós-guerra*”, a situação é exatamente o oposto. A sua independência fonológica e semântica torna-se um constituinte mais autónomo. Por isso, na palavra “*pós-gurra*”, tratamos o “*pós*” um **prefixo livre**.

O prefixo *pré*, comporta-se como uma forma linguística presa nuns casos e como uma forma livre noutros casos, com base numa análise semelhante à que apresentámos para “*pós*” nos parágrafos anteriores.

Assim, as palavras “*preconceito*” e “*pré-escolar*” também têm um prefixo preso (em “*preconceito*”, em que o prefixo perde completamente o acento, isto é, o estatuto de palavra fonológica, como se vê pela redução átona) e um prefixo livre (em “*pré-escolar*”, em que o prefixo mantém a sua individualidade de palavra fonológica, combinando-se assim em duas palavras fonológicas consecutivas, como se comprova pela abertura vocálica e pela não aplicação da redução átona).

Então já podemos concluir que algumas palavras com prefixos livres, têm uma assimetria entre as suas formas de palavra morfológica e palavra fonológica. Em casos

como “pós-guerra” e “pré-escolar”, em que o prefixo e a base mantêm os acentos originais, o tamanho da palavra morfológica é maior do que palavra fonológica. Para além dos prefixos “pré” e “pós”, há também o prefixo “pró” que se comporta igualmente como os dois.

No entanto, os prefixos que produzem esta assimetria não se limitam aos três prefixos acima. Ainda podemos encontrar outros prefixos com autonomia fonológica. Na tabela a seguir resumimos os prefixos que ainda possuem acentos, por outras palavras, os prefixos livres. A primeira coluna da tabela mostra os prefixos organizados por ordem alfabética; a segunda coluna da tabela é o significado dos prefixos e a terceira coluna da tabela é o exemplo correspondente de propriedade livre dos prefixos.

Tabela de prefixos livres

(Fonte de Schwindt, 2000, p.65-67)

prefixo	significado	exemplos
contra-	oposição	contracapa
extra-	movimento para fora, intensidade	extra-atmosférico
híper-	posição superior	hiper-realismo
inter-, entre	posição intermédia	inter-radical entre-escutar
mini	pequenez, miniatura, mínimo	mini-hídrica
pós-	posição posterior	pós-guerra
pré-	posição anterior	pré-escolar
pró-	para a frente, em favor de substituição, extensão, posição anterior	pró-africano
ultra-	posterioridade, extremamente	ultra-amargo
vice	substituição ou subalternidade	vice-reitor

Os prefixos acima incluem o *pré*, *pró* e *pós* que mencionamos antes. Eles são todos prefixos livres com acento. Alguns prefixos também podem existir como

palavras independentes em frases sob a condição de mudança de classe gramatical (“Vamos beber um mini.” A palavra *mini* não é mais usada como prefixo e sua classe gramatical muda de prefixo para substantivo), mas não podem ser considerados como forma presa neste caso.

Dessa forma, concluímos que para certos prefixos com autonomia fonológica, as palavras prefixadas por eles formadas podem apresentar assimetrias morfológicas e fonológicas, ou seja, quando uma palavra morfológica é produzida, também são possíveis de produzirem duas palavras fonológicas.

5.3a PM≠PF – Uma “palavra fonológica”, mas duas palavras morfológicas: Os clíticos

No capítulo 4 temos exemplos de muitas palavras de classes diferentes que apresentam coincidência entre palavra fonológica e palavra morfológica. No entanto, devemos ter em atenção as palavras gramaticais monossilábicas e átonas - os clíticos - que têm um comportamento especial nos grupos prosódicos em que se inserem.

Os clíticos são monossilábicos e, em nossa percepção, não carregam acento (p. ex: *se, te, lhe, o, a, etc.*). Como já foi introduzido na 1.2, o Camara Jr. (1969) resumiu que as partículas proclíticas ou enclíticas como alguns artigos, algumas preposições e variações pronominais átonas e outras mais, são formas dependentes e, pois, palavras morfológicas, mas não constituem por si só palavras fonológicas. Ao contrário criam um único vocábulo fonológico com a forma livre que se lhes segue ou as precede. Como os clíticos são classificados como forma dependentes, podemos ter certeza de que se trata de uma palavra morfológica, enquanto a forma linguística à qual está ligado (para os clíticos pronominais, normalmente é um verbo) é uma forma livre, que também é uma palavra morfológica. Nesse sentido, para a combinação de clíticos e as palavras “hospedeiras”, existe a falta de coincidência entre as “palavras fonológicas” e palavras morfológicas.

Devido à particularidade fonológica dos clíticos, ao contrário de outras palavras polissilábicas, os clíticos possuem apenas uma sílaba. Normalmente

precisamos analisar a composição silábica da palavra para determinar a posição do acento, mas em palavras monossilábicas a presença do acento só pode ser determinada pela análise do peso silábico. Só as sílabas pesadas podem atrair acentos. Nesta seção elaboraremos nossa análise das condições sob as quais palavras monossilábicas não apresentam acento. Segundo o ponto de vista de Veloso (2012; 2017), desconstruímos as vogais das palavras monossilábicas sob a perspectiva da fonologia dos elementos e focalizamos a análise no núcleo de sílaba.

De acordo com nossa introdução no capítulo anterior, os monossílabos podem ter uma estrutura de: V, CV ou CVC. A posição de núcleo desta estrutura é mais importante porque contém uma vogal com maior sonoridade do que as consoantes. Nos monossílabos, o fator decisivo para o peso silábico é a sonoridade vocálica. A relação entre sonoridade vocálica e peso silábico pode ser analisada através das seguintes características: Citamos a explicação de Veloso (2017) da seguinte forma:

“(ii) vogal [aberto 4] ([a]) ou [aberto3] ([ɛ], [ɔ]), isto é, uma vogal com um nível de sonoridade considerável, o que explica a frequência da sua ocorrência em posição tónica. Recorrendo a uma descrição da estrutura interna dos segmentos fundamentada na fonologia dos elementos, como tem sido proposto para o português por trabalhos anteriores (Brandão de Carvalho 1989; 1993; 2011; Veloso 2012a; 2013b; 2016), encontramos em todos estes monossílabos a ocorrência de {A} em Cabeça do segmento (Scheer 1998; Boltanski 1999; Angoujard, 2003; 2006) (vd. as representações destas vogais em elementos em (4)); (ii) vogal “pura”, ou seja, uma vogal que, em termos de fonologia dos elementos, resulta da iteração de um mesmo elemento ([a]={A, A} ; [i]={I, I} ; [u]={U, U})” (Veloso, 2017, p.211)

“Com efeito, aceitando-se a sonoridade vocálica elevada e a iteração de elementos – com base nos argumentos anteriormente revistos, com destaque para a sua capacidade de atraírem obrigatoriamente acento...” (Veloso, 2017, p.219)

Veloso (2017) adota o modelo de {Cabeça-Operador} da fonologia dos elementos. De sua classificação⁷ das sonoridades vocálicas obtemos a seguinte tabela,

⁷ cf. Gradação crescente da sonoridade e peso inerente das vogais em função da iteração de elementos [-peso/sonoridade] e da iteração de sonoridade [+peso/sonoridade] (Veloso, 2017, p.217)

na qual todas as vogais são ordenadas por sonoridades e têm a capacidade de atrair acentos.

[i]	[u]	[ɛ]	[ɔ]	[a]
{ <u>I</u> , I}	{ <u>U</u> , U}	{ <u>A</u> , I}	{ <u>A</u> , U}	{ <u>A</u> , A}

← - sonoridade vocálica + →

Deve-se ressaltar que a vogal [u] não tem necessariamente a capacidade de atrair vogais em certas flexões morfológicas. Existem exemplos que demonstram esse fenómeno: *menino*, *foco*, *castelo*, *livro*, etc. A explicação de Veloso é a seguinte:

“– poderia passar por postular, na representação subjacente destes segmentos, no caso destas condições morfolexicais somente, uma vogal com uma representação teórica elementar diferente de {U, U}, eventualmente atribuível ao carácter flexional destas realizações.” (Veloso, 2017, p.217)

Por outras palavras, para determinar se a vogal [u] tem a capacidade de atrair acento nas palavras, podemos analisá-la a partir de sua posição morfológica. Somente se esta vogal estiver presente no radical (p. ex: *bambu*, *peru*, *canguru*, etc) ela pode ser uma vogal “pura” que atrai acento. Caso contrário, serve apenas como vogal temática e não atrai acento. Os clíticos com vogal [u] (p. ex: *o*, *lo*, *los*, etc), aparentemente não têm radicais, embora sejam formas dependentes e palavras morfológicas, não têm capacidade de conterem acentos.

Além das diversas vogais citadas acima, existem duas vogais centrais que podem aparecer como núcleo de sílaba: são as vogais [e] e [i]. Ainda analisamos através da fonologia dos elementos, e comparamos essas duas vogais com a outra vogal central [a].

Em primeiro lugar, começamos nossa análise com a vogal [i]. De acordo com Veloso (2012):

“Vogais como [i], com efeito, parecem levantar alguns problemas em análises baseadas na FE: não sendo [i] uma vogal anterior/palatal, nem aberta, nem labializada,

ela caracterizar-se-ia precisamente pela ausência dos elementos {I}, {A} e {U}.” (Veloso, 2012, p.238)

“Com base em todos os aspetos da FE ..., a análise mais plausível de /i/ é a que apresentámos em (2), onde esta vogal é dada como completamente destituída de qualquer elemento (/i/={ }). Ela seria, de acordo com Brandão de Carvalho et al. (2010, p. 89, 110) e Backley (2011, p. 35), uma vogal vazia. Nos termos de Schane (1984, p.132, 139), corresponderia a uma *vogal sem partículas*.” (Veloso, 2012, p.239)

Como esta vogal [i] não possui nenhum dos três elementos, optamos por preencher o símbolo “@” na posição de Cabeça e de Operador para indicar a ausência de elementos: [i] = {@, @}. A vogal [e] também é vogal central, mas tem um maior grau de abertura do que vogal [i]. Nesse sentido, a estrutura de vogal [e] pode ser representada em [e] = {A, @}. A exclusão dos elementos {I} e {U} e a sua posição central levam a uma vaga de elemento em sua estrutura, e o elemento {A} só pode estar na posição de Cabeça. Assim, as formas das vogais centrais são as seguintes:

[a] = {A, A}

[e] = {A, @}

[i] = {@, @}

A relação de sonoridade entre elas é provavelmente influenciada pela ausência de elemento {A} na posição de Operador. De forma superficial, comparamos essas vogais no nível de palavra, para justificarmos que com mais presença de elemento {A}, a maior sonoridade uma vogal tem e, nesse sentido, constitui-se a sílaba mais pesada com mais oportunidade de atrair um acento. Então, inversamente, se as sílabas tônicas tiverem uma vogal central com mais elemento {A} do que outras vogais centrais. É provavelmente que a ausência de elemento {A} é um fator decisivo para a sonoridade destas vogais centrais.

Os exemplos de palavras são seguintes:

faca ['fa.ke]

facada [fe.'ka.de]

pane ['pe.nɨ]

amizade [e.mi.'za.di]

Podemos ver que nas palavras existem as vogais [a], [e] e [i], o acento sempre recai na vogal com mais presença de elemento {A} na estrutura elementar. Por isso, quando as palavras têm essas vogais centrais, é mais provável que o acento recaia na vogal [a], como veremos nas palavras *faca*, *facada*, *amizade*, etc.

Embora a vogal [e] tem um elemento {A} na Cabeça, a sua estrutura não é completa. Por isso consideramos que sua sonoridade vocálica é mais fraca que outras vogais com estrutura completa e a vogal [i] é uma vogal com a menor sonoridade entre as outras. Temos agora uma tabela completa de sonoridade vocálica das vogais.

[i]	[e]	[ɨ]	[u]	[ɛ]	[ɔ]	[a]
{@, @}	{A, @}	{L, l}	{U, U}	{A, l}	{A, U}	{A, A}

← - sonoridade vocálica + →

Apenas as cinco vogais no lado direito da tabela têm a capacidade de atrair acento, e a vogal [u] precisa ser julgada com base em sua posição em relação ao radical. As restantes vogais de baixa sonoridade não podem atrair acento e correspondem ao núcleo da estrutura monossilábica dos clíticos.

[e]→{A, @}	[i]/@→{@, @}	[u]→{U, U}
a, as	me, se, te, lhe, lhes	o, os, nos, vos

clíticos pronominais

Concluimos a análise morfológica e fonológica dos clíticos, olhando para o clítico em si, ele não consegue formar uma palavra fonológica porque não possui vogais com sonoridade suficiente e não possui radical independente. Contudo, quando o clítico é combinado com uma forma livre, a nova combinação já tem o acento que vem da forma livre. Consideramos temporariamente esta combinação como uma palavra fonológica. Sob esta condição, há uma falta de coincidência entre palavras morfológicas e palavras fonológicas.

5.3b Palavra fonológica ou grupo clítico?

Nos parágrafos anteriores mostramos que um clítico não possui autonomia fonológica, mas quando for formado em uma nova combinação com forma livre, a nova combinação terá autonomia fonológica, em que o acento provém da forma livre. Existem três combinações possíveis de clíticos e formas livres: forma proclítica, forma enclítica e forma mesoclítica.

A diferença mais óbvia entre essas três formas é a posição do clítico em relação ao objeto com o qual está combinado. O desempenho fonológico da forma mesoclítica é diferente das outras duas. Iremos analisá-lo em detalhes na próxima seção. Vamos discutir em primeiro as formas proclítica e formas enclíticas.

Na forma proclítica, o clítico vem antes da hospedeira (clítico + verbo). Normalmente a próclise ocorre em frases em que antes do verbo haja: palavra de sentido negativo; conjunção subordinativa; advérbio; pronomes relativos, demonstrativos e indefinidos; palavras interrogativas. Podemos ver os exemplos no seguinte:

- Nunca me convidam para as festas.
- O que ele te deu é assim tão importante?

Na forma enclítica, o clítico vem depois da hospedeira (verbo + clítico). O uso de ênclise tem que ser com verbo no imperativo afirmativo; com verbo no infinitivo pessoal; com verbo no gerúndio ou quando o verbo inicia a oração. Os exemplos são seguintes:

- Prometo amar-te.
- Vive castigando-lhe sem motivos aparentes.

De qualquer forma, os clíticos sempre agrupam com os verbos para formarem uma composição clítica. No entanto, o que precisamos prestar atenção é: que combinação é formada depois que o clítico é conectado à forma livre? Como definimos esta unidade? Há argumentos como Camara Jr. (1969) suportem para que esta

combinação se torne uma palavra fonológica. Porém, existem outras opiniões que defendem tratar a combinação como uma nova unidade na hierarquia fonológica. Para confirmar qual visão é mais pertinente, precisamos, em primeiro lugar, introduzir uma hipótese de Selkrik (1986), a hipótese do nível restrito (SLH – *Strict Layer Hypothesis*) aceita por um grande número de fonólogos. Selkrik explica esta hipótese da seguinte forma:

“We have proposed that a category of level *i* in the hierarchy immediately dominates a (sequence of) categories of level *i-1*. (Assuming *syllable* to be level 1, the others will be levels 2, ..., *n*.) We will call this the *strict layer hypothesis*.” (Selkrik, 1986, p.26)

Nesse sentido, na hierarquia fonológica, com base nisso, os pés devem dominar imediatamente as sílabas e as palavras fonológicas devem dominar imediatamente os pés. Além disso, dentro de um determinado nível fonológico, as unidades desse nível devem ter consistência. Por exemplo, sílabas só podem ser compostas com sílabas para formar pés. Portanto, nenhum outro tipo de unidade deve aparecer no nível de palavra fonológica. Com base nisso, foi proposto o conceito de *grupo clítico* para resolver conflitos que surgem na hierarquia fonológica (Hayes, 1989; Nespor & Vogel, 2007) e, propôs também Vogel (1999), um “enfraquecimento mínimo” para permitir os clíticos funcionarem como “unidades submínimas” e combinam com as formas livres. Essa unidade hierárquica fonológica está localizada entre palavras fonológicas e sintagma fonológicas. Isso também resolve o problema da atribuição final de clíticos. A existência de grupo clítico é considerada necessário por muitos fonólogos.

A necessidade desta unidade fonológica pode ser justificada por as palavras seguintes de Nespor & Vogel (1986):

“The most common approach in phonology is to consider clitics either as belonging to the phonological word, in which case they are considered similar to affixes, or as belonging to the phonological phrase, in which case they are considered similar to independent words...it will be shown that clitics cannot always be forced into either one of these categories, because their phonological behavior is often

different from that of both affixes and independent words. That is, there are phonological phenomena that are characteristic only of the group consisting of a word plus clitic(s). On the basis of these observations, we conclude that there must be a constituent of prosodic structure that has exactly this extension.” (Nespor & Vogel, 1986, p.145)

Por outra perspectiva, a existência de grupo clítico também legitima algumas palavras fonológicas proparoxítonas em português. De acordo com o que Veloso (2012) disse: “A janela de atribuição do acento, porém, reduz-se sempre às três sílabas finais da palavra fonológica – ou seja, uma forma nominal ou verbal em português não pode ser acentuada para além da terceira sílaba a contar do seu limite direito. Como tal, as palavras fonológicas proparoxítonas são inexistentes em português.” (Veloso, 2012, p.7) No entanto, certas formas de “verbo + clítico” têm acento ultrapassa esse limite (p. ex: deram-no-lo). Se consideramos esta combinação como uma palavra fonológica, então isso viola as regras de distribuição de acentos em português. Pelo contrário, se o todo for considerado uma unidade fonológica superior à palavra fonológica, então não entrará em conflito com as regras de distribuição do acento.

Em síntese, a existência desta unidade nova na hierarquia fonológica é necessária e também resolve o problema da atribuição de clíticos no nível fonológico. Esta unidade hierárquica permite aceitar a combinação especial “verbo + clítico” no nível fonológico. Voltando ao tema de pesquisa deste capítulo, é óbvio que a unidade das palavras fonológicas não é mais adequada para descrever esta combinação. Podemos agora dizer com mais precisão que o processo de cliticização produz uma falta de coincidência entre palavras morfológicas e grupo clítico. Há apenas um acento no grupo clítico e este grupo clítico pode ser dividido em duas palavras morfológicas.

5.3c Mesóclises e Grupo de palavra fonológica

A mesóclise é uma das três formas de colocação pronominal mais especial. Principalmente, o modo indicativo de futuro do presente ou futuro de pretérito

domina a existência de mesóclise. Ao contrário das formas proclítica e enclíticas, a posição do clítico não está mais fora da palavra hospedeira. Na forma mesoclítica, a posição do clítico está entre duas formas verbais acentuadas. Cunha & Cintra (2014) explicam esta forma composicional especial da seguinte forma:

“No futuro do presente e no futuro do pretérito o pronome oblíquo não pode ser enclítico, isto é, não pode vir depois do verbo. Dá-se, então, a mesóclise do pronome, ou seja, a sua colocação no interior do verbo. Justifica-se tal colocação por terem sido estes dois tempos formados pela justaposição do infinitivo do verbo principal e das formas reduzidas, respetivamente, do presente e do imperfeito do indicativo do verbo haver. O pronome empregava-se depois do infinitivo do verbo principal, situação que, em última análise, ainda hoje conserva. E, como todo infinitivo termina em -r, também nos dois tempos em causa desaparece esta consoante e o pronome toma as formas *lo, la, los, las*.”

Em primeiro lugar, analisamos as formas mesoclíticas no nível de morfologia. Usamos um exemplo de 1ª pessoa do modo indicativo de futuro do presente para analisar:

informá-lo-ei

Segundo a explicação de Cunha, podemos dividir esta forma mesoclítica em três partes: *informá, lo, ei*. A primeira parte deve ser o verbo em modo infinitivo, mas devido à condensação entre o infinitivo do verbo e o clítico pronominal, a consoante *r* no final do infinitivo do verbo é transferida para o componente clítico. Por causa disso, tomamos a primeira parte como o verbo de infinitivo, a sua forma linguística deve ser livre. A segunda parte é o clítico pronominal, sem dúvida que é uma forma dependente. A terceira parte, embora haja um acento, não a tratamos como uma forma livre. De facto, deve ser uma terminação do presente do indicativo do verbo auxiliar “haver → (h)ei”. A sua forma linguística deve ser presa. Se removermos o clítico pronominal desta forma e analisarmos apenas a primeira pessoa do futuro simples deste verbo, obteremos o verbo flexionado *informarei*. A parte “*ei*” no final da palavra é de forma flexionada do verbo auxiliar “haver”, que neste caso é a forma

presa porque não ocorre livremente. Da mesma forma, na mesóclise, a sua propriedade mantém-se e continuar a ser forma presa.

Por causa disso, essa forma mesoclítica tem duas palavras morfológicas correspondem respetivamente o verbo infinitivo e o clítico.

Em segundo lugar, analisamos as formas mesoclíticas no nível de fonologia. Da mesma forma, ainda usamos o verbo flexionado do futuro simples da primeira pessoa para análise. Na palavra *informarei* o acento recai na última sílaba por causa da sua flexão morfológica. No entanto, já sabemos que a constituição desta palavra deve ser “infinitivo + verbo auxiliar flexionado”, a adição de um verbo auxiliar faz com que o acento no infinitivo do verbo seja transferido para a forma do verbo auxiliar. Porém, na forma mesoclítica, como o clítico está conectado ao infinitivo do verbo e o clítico só pode estar depois da forma infinitiva, e o clítico não altera a distribuição do acento, o verbo infinitivo pode manter seu acento original. O acento no verbo auxiliar também é preservado, resultando em dois acentos numa forma mesoclítica. Neste caso, tratamos essa combinação “verbo infinitivo + verbo auxiliar” como duas palavras fonológicas porque ela possui dois acentos. Portanto nesta forma mesoclítica tem duas palavras morfológicas e duas palavras fonológicas. Não parece haver qualquer falta de coincidência em termos do número de unidades, mas numa palavra morfológica de “verbo infinitivo + verbo auxiliar” tem uma extensão de duas palavras fonológicas.

Não parece apropriado classificarmos esta forma mesoclítica nos grupos clíticos mencionados anteriormente. Porque a composição desta forma envolve a combinação de múltiplas palavras fonológicas com um só clítico. Ao contrário, no grupo clítico, só existem uma palavra e um clítico.

Com base de particularidade especial de mesóclises, Vigário (2007) propôs novamente a unidade hierárquica na escala fonológica. A autora apontou os problemas potenciais do grupo clítico e reformulou uma nova unidade do mesmo nível do grupo clítico:

“A hipótese que formulamos é a de que existe um constituinte intermédio entre ω e ϕ . Contudo, o que este constituinte agrupa não são, necessariamente,

clíticos, mas sim palavras prosódicas. Deste modo, um aspeto fundamental a considerar é a mudança do nome deste domínio. A nossa proposta de designação para este constituinte é Grupo de Palavra Prosódica (*Prosodic Word Group* — *PWG*). Segundo cremos, este termo é intuitivo e transparente, uma vez que reflete o tipo de constituinte que se agrupa no seu interior, tal como se pretendia com o Grupo Clítico, preservando a coerência terminológica da hierarquia prosódica; é também conservador, dado que mantém a expressão Grupo, existente na expressão antiga Grupo Clítico; e reflete a distinção que se estabelece entre este constituinte e o hierarquicamente inferior, mais claramente, segundo cremos, do que outras designações possíveis, como *Maximal/Minimal PW* ou *Major/Minor PW*.” (Vigário, 2007, p.679)

Vigário chama esta unidade hierárquica a “Grupo de Palavra Prosódica” Vamos chamar-se como “Grupo de Palavra Fonológica (GPF)”. Veloso (2012) também fornece algum suporte para esta classificação de unidade fonológica. Pelas citações abaixo, podemos perceber que a unidade fonológica (GPF) proposta por Vigário abrange uma gama mais ampla de áreas do que grupo clítico.

“A autora identifica para a sua motivação outros fenómenos típicos do português: os prefixos acentuados ([PRÓ]ω[comuNISTa]ω)), já referidos neste trabalho, e os complexos verbais formados por mesóclise, em que há a conservação de dois acentos ([levanTAR]ω[[te][ÁS]] ω)). Relativamente à mesóclise, ela constitui, quanto a nós, um interessante campo de observação sobre o comportamento específico e exclusivo das combinações ‘verbo clítico’ em português. Porém, distingue-se dos casos de acento proparoxítono que aqui nos ocupam; dado que a aceção de grupo clítico encontrada em autores como Hayes (1989) e Nespor e Vogel (1986; 2007) parece excluir a possibilidade de dois acentos no interior de C, este constituinte revela-se, efetivamente, inadequado para explicar convenientemente a prosodização das construções mesoclíticas, tal como defendido por Vigário (2003; 2007).” (Veloso, 2012, p.5)

Desse ponto de vista, a classificação de Vigário é mais inclusiva do que o grupo clítico. As palavras como palavras com prefixos tónicos que mencionamos nos

capítulos anteriores também podem ser classificadas nesta categoria, mas o grupo clítico obviamente não possui tal condição.

Em geral, para as formas mesoclíticas, o que é mais proeminente em sua forma é que o clítico está entre dois elementos verbais acentuado, formando duas palavras morfológicas e duas palavras fonológicas ao mesmo tempo. Vale ressaltar que normalmente no português é raro que uma palavra morfológica corresponda a duas palavras fonológicas. Nestas formas mesoclíticas, múltiplas palavras fonológicas são combinadas entre si ou com os clíticos, mas a sua combinação não pode ser classificada como sintagma fonológica, e o conceito de grupo clítico encontra controvérsia sobre a sua extensão. Portanto, o grupo clítico não é totalmente aplicável a esses casos especiais e para as mesóclises, é melhor adotar a classificação de Vigário (2007).

Considerações finais

Neste artigo apontamos que a unidade “palavra” em linguística possui características diferentes em cada subdivisão, a palavra não pode ser utilizada como unidade pertinente de descrição linguística e sua definição tem extremamente dificuldade ou impossibilidade. A partir de uma análise formal, a fonologia e a morfologia mostram que a forma das palavras não é unificada. Nem todas as formas das palavras fonológicas correspondem às formas das palavras morfológicas.

De acordo com as definições de palavras fonológicas e de palavras morfológicas que introduzimos, podemos verificar que em português as duas formas da maioria das palavras correspondem entre si, mas em alguns casos específicos as duas formas de palavra podem ter uma falta de coincidência.

Dividimos esta não correspondência nas seguintes situações:

$PF=PM\neq PMS$

Palavra fonológica coincide com palavra morfológica, mas não palavra morfossintática.

$PF\neq PM(=PMS)$

Palavra fonológica não coincide com palavra morfológica (que coincide com palavra morfossintática)

O primeiro tipo corresponde a palavras compostas. Embora não haja falta de coincidência entre palavra fonológica e palavra morfológica, as palavras compostas são geralmente consideradas como um todo na sintaxe e formam uma morfossintática, que não corresponde às duas primeiras formas. O segundo tipo corresponde a palavras com prefixos tónicos, os grupos clíticos e formas especiais mesoclíticas.

Nas palavras com prefixos tónico, os prefixos possuem acento próprio, que não se perde durante o processo de prefixação. Após serem combinados com o radical para formar uma nova palavra prefixada, duas palavras fonológicas são formadas. Como o prefixo é uma forma presa, só pode ser considerado que a palavra com prefixo tónico é apenas uma palavra morfológica.

Quanto ao clítico, por ser uma forma dependente, pode ser considerado uma palavra morfológica, porém não possui autonomia fonológica. Somente quando conecta com a palavra hospedeira para formar uma nova combinação é que a combinação terá acento. Além disso, não é apropriado chamar essa combinação de palavra fonológica, pois o surgimento de clíticos leva à falta de unidade pertinente para a descrição desta combinação na hierarquia fonológica. Portanto o grupo clítico foi proposto. Para ser mais preciso, devemos dizer que o caso é agora uma falta de coincidência entre as palavras morfológicas e o grupo clítico.

A mesóclise difere de grupo clítico porque a posição do clítico está entre duas formas verbais, ambas com acento. As duas formas verbais são tratadas como uma única palavra morfológica e o clítico é tratado também como uma palavra morfológica. O problema principal é que o verbo flexionado possui dois acentos, o que é relativamente raro em português. Nesse caso, formam-se duas palavras fonológicas e duas palavras morfológicas, mas as duas palavras fonológicas são do verbo flexionado. Com base de peculiaridade das mesóclises e as outras formas bem como os prefixos tónicos, Vigário (2007) propôs uma reformulação de unidade grupo clítico, “*prosodic word group*” que é o grupo de palavra fonológica. As formas mesoclíticas podem ser bem classificadas nesta unidade.

Em conclusão, já analisamos a interação formal entre palavras morfológicas e palavras fonológicas, tomando como exemplo quatro tipos de palavra e combinação lexical do português, demonstrando a falta de coincidência entre palavras morfológicas e palavras fonológicas, o que também consolida a dificuldade ou impossibilidade de definição das palavras. Nas partes de combinações clíticas, encontramos novas unidades hierárquicas fonológicas além das palavras fonológicas, isso revele também a existência de não correspondência entre as unidades morfológicas e unidades fonológicas.

No entanto, a controvérsia da unidade fonológica entre o nível de palavra fonológica e o nível de sintagma fonológica leva ainda novas perguntas. Existe uma unidade morfológica que seja idêntica em forma a esta unidade fonológica? O grupo clítico será substituído pelo grupo de palavra fonológica na escala hierárquica de fonologia? Talvez ainda precisamos realizar uma análise aprofundada sobre esta parte em pesquisas futuras.

Referências bibliográficas

- Angoujard, J. P. (2003). Phonologie et diachronie. *Langages (Fontenay-aux-Roses)*, 173-194.
- Backley, P. (2011). *Introduction to element theory*. Edinburgh University Press.
- Barbosa, P. (1995). *Clitic placement in Portuguese and the syntax-morphology interface*. MIT Working Papers in Linguistics, 25, 23-48.
- Bechara, E. (2009). *Moderna gramática portuguesa*. Nova Fronteira.
- Bisol, L. (2004). Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 20, 59-70.
- Bloomfield, L. (1994). *Language*. Motilal Banarsidass Publ..
- Boltanski, J. E. (1999). Nouvelles directions en phonologie. *(No Title)*.
- Booij, G. E. (1983). Principles and parameters in prosodic phonology.
- Brown, K. (2005). *Encyclopedia of language and linguistics* (Vol. 1). Elsevier.
- Câmara, J. M. (1970). Estrutura da língua portuguesa. *(No Title)*.
- Cunha, C., & Cintra, L. (2014). *Nova gramática do português contemporâneo* (pp. 207-209). Lisboa Editora.
- De Carvalho, J. B. (2011). Contrastive hierarchies, privative features, and Portuguese vowels. *Revista de estudos linguísticos da Universidade do Porto*, 6, 51.
- De Carvalho, J. B., Nguyen, N., & Wauquier, S. (2010). *Comprendre la phonologie* (p. 252). Presses universitaires de France.
- Dixon, R. M., & Aikhenvald, A. Y. (Eds.). (2003). *Word: A cross-linguistic typology*. Cambridge University Press.
- Duarte, I. (2000). *Clitic placement in Portuguese: a minimalist approach*. *Studia Linguistica*, 54(1), 1-28.
- Freitas, M. J.; Santos, A. L. 2001. Contar (Histórias de) Sílabas. Descrição e Implicações para o Ensino do Português como Língua Materna. Lisboa: Colibri.
- Fromkin, V., Rodman, R., & Hyams, N. (2018). *An Introduction to Language (w/MLA9E Updates)*. Cengage Learning.
- Goldenberg, M. (2009). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Record.
- Hannahs, S. J., & Davenport, M. (Eds.). (1999). *Issues in phonological structure: papers from an international workshop* (Vol. 196). John Benjamins Publishing.
- Hayes, B. (1995). *Metrical stress theory: Principles and case studies*. University of Chicago Press.
- Goldsmith, J. A. (1990). *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Blackwell.
- Julien, M. 2006. Word. In: K. Brown et al. (Eds.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. 2nd Edition. Amsterdam: Elsevier, 13, 617-624

- Mateus, H., Baptista, M., & Segura, L. (2003). *Sobre a composição de palavras em português*. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, 1(1), 1-14.
- Mateus, M. H. M., Brito, A. M. D. S., Duarte, I., Faria, I. H., Demonte, V., Frota, S., ... & Villalva, A. (1989). *Gramática da língua portuguesa*. (No Title).
- Mateus, M. H., & d'Andrade, E. (2000). *The phonology of Portuguese*. OUP Oxford.
- Mattoso Câmara Jr, J. (1969). Problemas de lingüística descritiva.
- Nespor, M. A. (1994). The phonology of clitic groups. *Eurotyp Working Papers*, 67-90.
- Nespor, M., & Vogel, I. (2007). *Prosodic phonology: with a new foreword* (Vol. 28). Walter de Gruyter.
- Raposo, E. (1986). *Aspetos da sintaxe do português*. Lisboa: Caminho.
- Ribeiro, M. (2019). Sequências consonânticas problemáticas do português: intuições nativas acerca das fronteiras silábicas dentro de sequências consonânticas marcadas do português. *ElingUP: Revista eletrônica de Linguística dos Estudantes da Universidade do Porto*, 8(1).
- Rio-Torto, G., Rodrigues, A. S., Pereira, I., Pereira, R., & Ribeiro, S. (2013). *Gramática derivacional do português*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press.
- Rodrigues, A. D. (2002). *Estrutura da língua portuguesa*. Vozes.
- Schane, S. A. (1984). The fundamentals of particle phonology. *Phonology*, 1, 129-155.
- Scheer, T. (1998). La structure interne des consonnes.
- Selkirk, E. (1996). The Prosodic Structure of Function Words. Signal to syntax: Bootstrapping from Speech to Grammar in Early Acquisition, ed. by JL Morgan & K. Demuth, 187-213.
- Selkirk, E. O. (1986). *Phonology and syntax: the relationship between sound and structure*. MIT press.
- Silva Schwindt, L. C. (2000). *O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica* (Doctoral dissertation, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre).
- Troubetzkoy, N. S. 1939. Grundzüge der Phonologie. Trad. fr. de J. Cantineau. Principes de phonologie. Paris: Klincksieck, 1970
- Van Riemsdijk, H. (1999). Clitics: A state-of-the-art report. *Clitics in the languages of Europe*, 1-30.
- Van Riemsdijk, H. (Ed.). (2011). *Clitics in the Languages of Europe* (Vol. 20, No. 5). Walter de Gruyter.
- Veloso J. Maria Carlota Rosa: *introdução à morfologia*[J]. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 2007, 2: 127-132.
- Veloso J. *Palavra mínima em português europeu: a oralização de abreviações*[J]. *Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)*, 2017, 61: 133-168.

- Veloso, J. (2012). Unidades acentuais proparoxítonas e grupos clíticos em Português. *Nada na linguagem lhe é estranho. Homenagem. Isabel Hub Faria. Porto: Afrontamento*, 471-483.
- Veloso, J. (2012). Vogais centrais do português europeu contemporâneo: Uma proposta de análise à luz da fonologia dos elementos. *Letras de Hoje*, 47(3), 234-243.
- Veloso, J. (2017). Monossílabos CV do português: leves e degenerados? Sonoridade vocálica e iteração de elementos na atribuição de peso e na preservação da minimalidade em português. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 12, 201-226.
- Vigário, M. (2003). *The prosodic word in Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Vigário, M. (2007). O lugar do grupo clítico e da palavra prosódica composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. *Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística—Textos seleccionados. Lisboa: Colibri Artes Gráficas*, 673-688.
- Villalva, A. (2012). Palavras, que as há. *Revista de Estudos da Linguagem*, 20(2), 125-139.
- Villalva, A., & Mateus, M. H. M. (2008). *Morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta.